

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia

Luana R. de Vargas Bonfrisco

**A melancolia no campo das políticas contemporâneas:  
um exercício memorialístico a partir das Jornadas de junho**

Porto Alegre

2020

Luana R. de Vargas Bonfrisco

**A melancolia no campo das políticas contemporâneas:  
um exercício memorialístico a partir das Jornadas de junho**

Trabalho apresentado como requisito parcial  
para a conclusão do Curso de Graduação em  
Psicologia pela Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul

Orientador: Prof. Luis Artur Costa

Porto Alegre

2020

Agradeço às e aos colegas que me acompanharam ao longo desta jornada; ao prof. orientador Luis Artur pelo aprendizado e pela parceria; à minha mãe pelo apoio; à Bibiana pela amizade, por ser companheira de manifestações sociais e ter vivido intensamente comigo 2013; ao Maurício pelas trocas, por dividir alegrias e angústias durante uma pandemia.

## **Resumo**

Este trabalho versa sobre a nossa relação com tempo, com a memória, no que perdura de uma experiência nas manifestações sociais de Junho, 2013. Perguntamo-nos “O que fazemos com isso?”. Para tanto, utiliza-se da melancolia, do luto, do *amor fati*, do ressentimento, da força plástica, da duração como diferentes operadores de distintas éticas com o tempo, na esteira de pensar essa duração que ressoa 1968, 2013 e 2018 em 2020. A partir dos autores Michel Foucault e Friedrich Nietzsche, parte de conceitos que se localizam na estética da existência, no campo da modernidade, a fim de afirmar um exercício de cuidado de si que vise a transformação, a produção de outros contornos a uma experiência. Aposta-se em uma escrita ensaística que une narrativas ficcionais e texto analítico, os quais seguem uma linha que atravessa o trabalho compondo uma montagem possível por meio de um exercício memorialístico da própria autora.

**Palavras-chave:** Melancolia; Política; Estética da existência; Jornadas de junho; Memória.

um dia  
ela me disse  
“hola, spleen”  
e eu demorei mas depois  
percebi que era uma  
frase sobre  
*o tempo.*  
[...]  
há um mês eu não tinha  
como prever nada  
e eu fiquei me  
perguntando:  
– como fazer para essas palavras escritas  
há um mês dizerem algo  
sobre estar aqui  
*agora?*  
e eu não soube responder.<sup>1</sup>  
[...]

---

<sup>1</sup> GARCIA, M. 2017. “Hola spleen”.

Os presentes acontecimentos, as crises que nos confinam a um tempo imediato, sem projeto, sem futuro, despertam memórias, reativam sentimentos. Descaminhos, incertezas, por vezes a perda total de sentido, cansaço, tédio e desesperança. A predisposição originária à crise deixa as marcas de uma fragilidade cujos vestígios permanecem ao longo da vida. Se a crise está dada, as saídas não, o que convoca à reinvenção ao sermos afetados pelo desconhecido. A crise que libera, ao mesmo tempo, força de morte e de regeneração<sup>2</sup>, se insere no paradoxo - momento simultâneo de falência e criação -.

O acontecimento é não apenas a realização de um possível, mas a abertura pela qual emergem os possíveis<sup>3</sup>. A experiência do colapso, de ruptura é efeito de um processo de exaustão de um modelo exigindo seu abandono<sup>4</sup>. O esgotamento de possibilidades instituídas, o esgotamento do possível, leva a necessidade de invenção de formas instituintes, abertura ao intempestivo. No campo político, o acontecimento é o próprio “potencial revolucionário”, “que se esgota quando rebatido sobre as imagens já feitas”<sup>5</sup>. Em 2020 vivemos a experiência do colapso.

O medo coletivo impera, nos invade e a questão de como se proteger? e como proteger os outros?, vira a grande pauta. No início da pandemia, a orientação de isolamento social, com o passar dos dias, se torna mais enfática e necessária. Em suas residências ou na rua, parecem estar pensando e falando do pequeno grande mal que nos assola: o vírus. A chegada do organismo microscópico produziu o inimaginável: parou o mundo. A máquina de produção desacelerou. Parte do sistema econômico está suspenso. A “locomotiva do progresso” está fora dos trilhos? Crise sanitária. Recessão econômica por vir. Milhões de pessoas devem perder seus empregos. Famílias não podem enterrar seus mortos.

\*

Sob efeito do *spleen* de nosso tempo, ou sob o nosso intenso agora, indaga-se sobre a possibilidade de produzir passagem e deslocamento. Como deslocar discursos e narrativas gastas? Como fugir do lugar comum da produção de memórias acerca de uma época? Como dialogar com nossas experiências no campo das políticas contemporâneas? O intenso de ontem nos alcança no presente pela variação de suas intensidades que persistem em vibrar hoje, ainda que de outro modo. A repetição sempre traz algo de novo. O encontro, em 2020,

---

<sup>2</sup> PETIT, M. 2009. A arte de ler: ou como resistir à adversidade.

<sup>3</sup> COSTA, Luis A; DANICHI, H. 2018. Colapso clínico-político do comum na contemporaneidade, p.110.

<sup>4</sup> *ibid.*, p. 108.

<sup>5</sup> *ibid.*, p. 112.

com a sua experiência nas manifestações sociais de 2013, no campo da esquerda, insurge no presente através de questionamentos como - o que fazer com 2013 em 2020? - diante do esgotamento de tais acontecimentos. Como fazer questão em nosso tempo sem submeter-se ao peso da memória de um futuro imaginado que fica sempre a ser revisitado como passado possível de um presente que nunca foi?

Ao se deparar com tais questionamentos segue a superfície de um caminho, o seu curso na extensão de um terreno por vir. Toma alguns acontecimentos na tentativa de fazer ver nosso campo de possibilidades ampliado, não para fechar futuros previstos, mas abrir possíveis impensados. O sentimento melancólico, a nostalgia de um certo período insurgem ao longo do percurso, mas não só. É preciso transpor esse sentimento para um espaço outro, passível de produzir dobras, que elaboram o vivido. Fazer dobra é provocar o acontecimento, o surgimento de uma singularidade. “Dobrar não equivale a lançar-se a outro lugar. Dobrar equivale a abrir espaços no mesmo lugar, transpor e, assim, liberar, no oco da dobra, possibilidades inéditas.”<sup>6</sup> Imagens dobradas que abrem outra vias. É preciso entrar nessas cenas, nessa experiência para compor com elas uma narrativa possível no presente. Tentar nomear, mesmo sem saber para onde vamos.

Aposta em um fio que liga as diferentes cenas (imagens) para compor uma escrita experimental, capaz de dar contorno a essa experiência, como exercício necessário. Escreve para dar lugar a uma elaboração possível, esbarrando nos limites do texto. Usar a linguagem para deslocar, multiplicar, mudar o curso e transformar alguma coisa? A escrita percorre maio de 68, junho de 2013, 2018 e 2020, a fim de traçar uma montagem possível - a qual se insere em um contexto macropolítico partidário e micropolítico apartidário - no embalo das leituras que dão apoio e sustentação ao texto. Assumindo uma postura ética em relação à essas memórias; atenta às contingências do momento; atenta àquilo que queremos nos tornar. Escutar para acessar de outra forma, diante do que ainda insiste em persistir.

\*

Sem encontrar palavras que possam dar conta do presente momento inicia este texto, na tentativa que a angústia dê passagem a escrita. Qual é a questão problema do trabalho? É preciso haver um objeto demarcado? Traz consigo experiências, afetos e sensações que se localizam no tempo-espaço da graduação. O encontro com a psicologia produziu um novo

---

<sup>6</sup> ROCHA, J. 2014. Cor’p’oema Llansol. p.12. Referência à noção deleuziana de dobra.

olhar ao mundo e ao sentidos, de forma que é possível detectar uma transformação, um ainda, que perdura no tempo. Percebe que há uma relação importante entre tempo e subjetividade que compreende esse período. Pretende através da palavra, tomada como relação no mundo, recuperar, retomar essa experiência, não como um objeto perdido, que precisa ser resgatado, mas como algo vivo, que busca a reativação, a fim de tentar conectar fios soltos passíveis de costuras no presente; e as palavras não surgem. “Sente-se como água enferrujada numa torneira em desuso, que embaça o invisível, e o acesso a ele fica dificultado”<sup>7</sup> Tenta parar, respirar e começar e não começa. Pensa que “diante de um contexto nebuloso, nos momentos de crise, talvez a escrita não flua mesmo”. Para alguns sim, para outros não. Ainda assim, continua, é preciso dar passagem a essas experiências e a invenção. A questão persiste - É possível traçar um campo de escrita-experimentação de si-pesquisa, a partir de tais insurgências? - Sabe que a tal questão, se encontra nexos, para além da permanência e fluidez, se desenvolve no processo, como um mapa que aos poucos vai sendo traçado e indica certa(s) direção(ões).

Lembra que a ideia surgiu, a partir de sua experiência com o filme “No intenso agora”, 2017, de João Moreira Salles. Trata-se de uma ficção documental, que parte de registros próximos ao diretor, de sua mãe na China, em plena Revolução Cultural, para abordar os movimentos políticos de Maio de 1968, na França, China, Tchecoslováquia e no Brasil. O filme convoca, a partir de imagens de arquivo a grande intensidade política e cultural do período e a sua herança material e imaterial. Imagens produzidas na iminência do instante capturam a potência daquele desejo intenso, por vezes ingênuo, de mudar o mundo. O fervor dos acontecimentos e a intensidade política e cultural deteram a sua atenção. De certa forma, enxerga-se próxima àqueles jovens, que resistiram por desejo de mudança, e ao mesmo tempo distante por já não encontrar em si o ímpeto de ação daqueles corpos. Sente-se amortecida, tomada por um afeto triste. A sua geração viveu anos intensos de agitação política, acontecimentos, dos quais participou, e o que fazemos com isso? Invoca o conjunto, pois sabe que não está sozinha nessa problematização.

Ainda, o filme coloca a seguinte questão - como narrar momentos de grande intensidade? Como partilhar o que não se materializa ou institucionaliza - sabe que tal

---

<sup>7</sup> RONLIK, S. 1993, p.248 apud SOUZA, A., 2018, p.24

afirmação divide opiniões como toda disputa pela memória de um período polêmico -, mas se transforma ao longo do tempo? <sup>8</sup> Convocando ao nosso intenso agora? Ao escreverem que *Maio de 68 não aconteceu*, Deleuze e Guattari provocam que a luta não começa nas barricadas em maio e tampouco termina com as eleições em junho, “mas se desenvolve posteriormente também nas trincheiras do campo simbólico.”<sup>9</sup> Questiona-se acerca da diferença entre viver e narrar a história, o que logo toma o seguinte contorno - toda vivência contém em si uma narrativa, uma função narrativa; vivemos, a partir das narrativas que nos sujeitam -. Em voz *over*, fazendo uso da linguagem poética, a película toma um tom melancólico, o que se traduz na monotonia que a disposição das imagens adquire, o que também lhe fez questão. Percebe a materialização da melancolia do narrador ao se reportar a uma época, o qual interpelado pelos contornos que o ano tomou, acaba por explorar o sentimento de vazio que se instaura logo após a passagem da intensidade dos acontecimentos.

A explosão política, que se transforma em uma grande ressaca, em momentos que se esvaem, lhe trouxe a lembrança dos momentos vividos em outra ora, como um salto de tigre<sup>10</sup> ao passado. A cena do jovem manifestante, em 68, que arremessa com força e ímpeto de ação traduz o instante em uma imagem gestual e diz sobre a intensidade de um momento que também podemos encontrar nos corpos de jovens em 2013. No segundo 27, o narrador enuncia - o corpo vergado para trás, o braço em estilingue, a energia represada há um segundo de descarga, o giro de atleta olímpico -. A velocidade do intenso se parece com a do gesto, difícil de apreender. O que seria o giro do lançar? Um giro ensimesmado em torno do próprio evento tentando recuperá-lo como igual? Na tentativa de compreendê-lo se debruça sobre a ideia de repetição de Deleuze, o movimento de ritornello<sup>11</sup>, e imagina a cena: quando do caos se procura um centro, se organiza o agenciamento em torno pela consolidação do território, para enfim partir em direção a outros agenciamentos, já que um território é sempre provisório. De outro modo, o jovem nunca retorna ao passo inicial.

A partir da experiência nas manifestações, no campo da esquerda, que aconteceram nos últimos anos, com ênfase nas jornadas de Junho de 2013, tais questões lhe pareceram atuais, tendo em vista o contexto sócio político cultural que assolava o país na época (2018).

---

<sup>8</sup> Referência a OSÓRIO, Luiz Camillo. No intenso agora: entre o passado e o futuro.

<sup>9</sup> CORRÊA, Erick; MHERB, Maria Teresa. 2018. 68 Como incendiar um país. p. 15

<sup>10</sup> Referência à WALTER, Benjamin. 1987. Teses sobre o conceito da história (1940).

<sup>11</sup> DA COSTA, Luciano. 2006. O ritornelo em Deleuze-Guattari e as três éticas possíveis.

O filme parece usar a interlocução entre o passado e a história em ação como própria metodologia do fazer. Em busca sobre os bastidores, soube que o diretor produziu o documentário sob o calor dos acontecimentos de 2013. Não por acaso, por trás de maio de 68 estava junho de 13. “Assim como na França de 1968 o trabalho de desqualificação e de deslegitimação do sentido político, das posições da esquerda revolucionária”<sup>12</sup> realizado por gaullistas e por comunistas-stalinistas se conecta com a crítica realizada no Brasil, durante o início das jornadas de junho e nas jornadas anticopa de 2014, por petistas e antipetistas contra os movimentos sociais de base autônoma. A história que se sucede mostra que tais posições preparam o terreno para uma contraofensiva da direita, que atingiu todo o campo da esquerda, inclusive as alas mais reformistas e conciliadoras como o Partido dos Trabalhadores aqui e o Partido Comunista lá. À semelhança de outros períodos históricos, a união entre as posições de direita e a esquerda reformista contra correntes minoritárias e revolucionárias acarretaram o avanço do fascismo e o autoritarismo estatal.<sup>13</sup> Essa associação entre os movimentos a convocou a pensar nas demais relações entre eles.

\*

### ***Levamos tempo para entender o que acontecia...***

Quantas pessoas têm a chance de experimentar um momento histórico, enquanto ele ocorre? Quantas não passam as vidas inteiras, ansiando por tempos de agitação, sem a chance de vivenciar um dia sequer de uma abertura para o porvir? E ficam melancólicas, inautênticas? Ficam suspirando por outras épocas, de onde seus heróis mortos falam num tom inacessível de aventura e terror, quando quase se pode sentir o calor das assembleias, a espreita das batalhas, amores trágicos e perseguições imoderadas?

Hoje, não temos razão para melancolia. Se existe uma definição de momento histórico, este é um deles. A perplexidade faz parte, porque estamos no meio da fumaça. Caminhamos sobre o terreno da incerteza radical, por onde erram nossos humores, na oscilação entre entusiasmo e decepção absolutos<sup>14</sup>.

*O início do movimento lhes causou grande surpresa, nunca haviam vivenciado nada igual. Saíam às ruas com entusiasmo por uma causa justa. A pauta única, de melhoria no transporte público, compacta vários pontos que condicionam o direito à cidade. A revolta provinha da necessidade de experimentar a mobilidade urbana de outra maneira, de*

---

<sup>12</sup> CORRÊA, Erick; MHERB, Maria Teresa. (2018). 68 Como incendiar um país. p.11

<sup>13</sup> Referência à CORRÊA, Erick; MHERB, Maria Teresa. (2018). 68 Como incendiar um país. p.11

<sup>14</sup> CAVA, Bruno. 2013. A multidão foi ao deserto: as manifestações no Brasil em 2013. p.41

*construir politicamente um transporte menos superlotado, menos lento, e que fosse potencialmente gratuito, com a certeza que estavam reivindicando um direito. A concretização de um movimento autônomo as impulsionava a acreditar e a sentir que estavam construindo, vivendo aquele tempo histórico; um sentimento de pertencimento. O primeiro grande protesto de junho, em Porto Alegre, ocorreu no dia 13. A mídia alternativa noticiava que 20 mil pessoas ocuparam as ruas da capital, enquanto a PM notificou um número inferior. As concentrações iniciavam no Centro, entre a esquina democrática e a Prefeitura, e seguiam o trajeto em direção a Cidade Baixa, quase sempre terminando no Largo do Zumbi. Tornaram-se frequentes os confrontos com a polícia no final do percurso.*

\*

Vladimir Safatle (2016) cita sobre a entrevista a um manifestante que ao ser perguntado pelo seu nome, responde à jornalista “Anota aí, eu sou ninguém.”<sup>15</sup>, o que afirma a força de enunciação do qualquer um, da “fala sem lugar”, se opondo ao imperativo da representação; como se a partir da apropriação do ser ninguém, fosse mais possível de ser múltiplo. Essa fala evidencia uma característica importante das Jornadas de junho, que à semelhança do maio-oitista demonstra a proposta de horizontalidade e autonomia do movimento.

A dificuldade de narrar sobre 2013 reside na multiplicidade, heterogeneidade, diversidade do movimento, no que se refere aos atores, discursos e elementos envolvidos, traçando assim uma rede complexa, um movimento-rede<sup>16</sup>, o que lhe confere um caráter enigmático. Em um primeiro momento, enquanto modelo de luta, se apresenta como um antídoto aos discursos enrijecidos<sup>17</sup>, que tanto encontramos no campo político, inclusive em nós mesmos. Imagens marcantes, que refletem a intensidade do movimento lhe vem à memória, e nesse sentido recorre a cenas, busca historicizar a jornada, a fim de construir seu testemunho, uma narrativa possível.

\*

*Entre ruas enxergavam a bifurcação do movimento. O barulho do helicóptero sobrevoando o local tornava o evento ainda mais alarmante. Um grupo composto por manifestantes de outra classe social, jovens de “baixa renda”, vinculados ao novo proletariado ou precariado*

---

<sup>15</sup> SAFATLE, Vladimir. 2016. Quando as Ruas Queimam: manifesto pela emergência. p.6

<sup>16</sup> Referência à NETO, Moysés. 2015. Juventude em chamas: pessimismo, organização e utopia.

<sup>17</sup> Referência à WEINMANN, Amadeu. 2018. Jornadas de junho: decifra-me ou te devoro.

<sup>18</sup> , tomava a cena, em direção própria, com revolta e indignação. Acompanharam como espectadoras a sua direção, os seus movimentos, sem entender o que se passava. Presenciar os acontecimentos em ato demandava tempo de elaboração. Aos poucos as manifestações iam tomando forma e algumas coisas podiam ser entendidas. O que se passava nas ruas, combinava tática, teoria, realidade e ficção. Eram poucos e se utilizavam, do que iriam descobrir mais tarde: a tática *black bloc*. A violência fazia parte da ação direta, assumindo um lugar performático. Fogo em contêineres, vidraças estilhaçadas e barricadas nas ruas faziam parte do cenário. Levavam seus rostos cobertos e estavam munidos de pedras, bombas caseiras e sinalizadores. Ao longo das manifestações, esse grupo especialmente foi alvo da grande imprensa, que passou a publicar diariamente que se tratava de baderneiros, uma minoria barulhenta, inexpressiva, depredadores do patrimônio público. A palavra “vandalismo” passou a ser frequente nas coberturas desde as primeiras manifestações. Tornou-se explícita a presença simultânea da classe média universitária tradicional e jovens de baixa renda. Esse grupo anunciava pistas do que foi 2013: a multiplicidade que fugia a nossa representação; a fuga, naquele instante, a qualquer representação.

\*

Os protestos iniciaram em Porto Alegre com uma pauta específica, contra o aumento da passagem do transporte público, ainda em janeiro, organizados pelo Bloco de Luta, coletivo formado por diversas organizações de esquerda, como grupos partidários, anarquistas e outros movimentos. As primeiras revoltas contribuíram para a redução do valor da passagem, e a mobilização se manteve ao longo de todo o período de manifestações. Em São Paulo, o Movimento Passe Livre tomou as ruas, em junho, com a mesma agenda. Os primeiros dias de junho passaram a ser intensos e nem a repressão policial, nem a mídia corporativa, com sua cobertura antivandalismo, conseguiram deter a proporção que o movimento tomava em quase todas as maiores cidades do país para depois se espalhar nas mídias e pequenas. O coro já anunciava “Amanhã vai ser maior”. Bruno Cava (2013) aponta que “foram talvez os 20 centavos mais caros da história.”<sup>19</sup>

Nenhuma bandeira, nenhuma liderança era identificável. Os carros-de-som, que costumeiramente se faziam presentes, e por vezes nos causavam incômodo, pois demarcavam espaço e liderança política, não estavam ali. O agrupamento de manifestantes parava o

---

<sup>18</sup> SINGER, André. 2013, pp. 29-30 apud NETO, Moysés. 2015. p. 121.

<sup>19</sup> CAVA, Bruno. 2013. A multidão foi ao deserto: as manifestações no Brasil em 2013. p.13

trânsito. A medida que os protestos tomavam corpo a violência policial aumentava. Tornou-se frequente ser surpreendido por uma tempestade de bombas, gás e balas de borracha. O resultado eram pessoas feridas e muitas detidas - algumas apenas por portarem frascos de vinagre, usado para aliviar os efeitos do gás lacrimogêneo - pela polícia. O caso da jornalista da Folha, em São Paulo, que quase ficou cega ao ser atingida no rosto por bala de borracha disparada pela polícia, circulou pelo país, mobilizou a imprensa e demarcou uma outra etapa das manifestações, o que veremos adiante.

A pauta contra o aumento da passagem alastrou-se; “passou-se a contestar o modelo de democracia, de comunicação e representação, o direito à cidade – agendas mais alargadas, mas nem por isso menos concretas e urgentes.”<sup>20</sup> Os movimentos feministas e LGBT também se faziam presentes com a pauta #ForaFeliciano; pautas anticorrupção (contra a PEC 37) por outros setores começava a surgir, e já se vislumbra com força questionamentos relativos à Copa do Mundo “saúde e educação padrão FIFA”<sup>21</sup>, dos gastos com esse megaevento esportivos, ainda mais quando iniciou, em meados de Junho, a Copa das Confederações. Na abertura a presidenta Dilma foi vaiada, sintoma da nacionalização profunda dos protestos<sup>22</sup>. Os cartazes anti-Copa e anti-Olimpíadas tomaram força - com o grito “Não vai ter Copa!” –

A popularidade do governo federal despencou. Em 29 de junho de 2013 a pesquisa DataFolha apontou que o governo havia sofrido queda de mais de 27 pontos em três semanas, caindo de 57% (primeira semana de junho, quando os protestos haviam recém iniciado) para 30%, que consideravam a gestão do governo Dilma boa ou ótima. Comparado a março do mesmo ano, o índice caiu mais de 30 pontos, quando Dilma alcançou uma popularidade de 65%<sup>23</sup>. A queda da popularidade embaralhou as previsões de que as eleições presidenciais de 2014 estariam decididas. A oposição começou a tomar força, tentou sequestrar a pauta dos protestos com a questão anti-Dilma<sup>24</sup>.

Nos protestos de fim de junho às bandeiras do Brasil, as palavras de ordem nacionalistas e a pauta anticorrupção se faziam presentes. No calor dos acontecimentos, logo pensamos que a direita se apropriava dos protestos, porém é um pouco mais complexo que isso. Bruno Cava (2013) aponta que:

---

<sup>20</sup> CAVA, Bruno. 2013. A multidão foi ao deserto: as manifestações no Brasil em 2013. p.15

<sup>21</sup> Referência à SASSO, G; BERNARDO.G. 2016. Junho antes de junho: o ciclo de lutas de 2013, onde tudo começou.

<sup>22</sup> CAVA, Bruno. 2013. A multidão foi ao deserto: as manifestações no Brasil em 2013. p.14

<sup>23</sup> Referência à matéria Folha de São Paulo, 2013.

<sup>24</sup> CAVA, Bruno. 2013. A multidão foi ao deserto: as manifestações no Brasil em 2013. p.20

[...] tudo o que a extrema-direita mais desejava era apontar os dedos aos judas dentro das marchas. Em oposição ao manifestante teleguiado e com ideologia, construir a identidade do bom manifestante: apertidário, apolítico e comportado. Este se considera cidadão de bem, não gosta de politicagem e só quer que os políticos parem de roubar e façam a coisa certa<sup>25</sup>.

Ainda, ressalta que a agenda da direita não pode ser reduzida a isso, o que traz a complexidade da pauta “anticorrupção”, já que ela também responde a insatisfação com a lógica dos gastos públicos, aos serviços públicos, que apesar das melhorias dos últimos anos continuavam deficientes, um desgosto com o “novo Brasil potência” e com os projetos de cidade e país, que atendiam prioritariamente ao crescimento econômico <sup>26</sup>.

\*

*Pelo menos três grandes marchas mudaram de direção; o objetivo era chegar a sede do grupo RBS, alvo de revolta dos manifestantes, a representação da mídia tradicional. Ao virarem a esquina, na Av. Ipiranga, foram atingidas por uma tempestade de bomba de gás, que tornou instantaneamente o ar tóxico. Com muita dificuldade de respirar, ardência nos olhos e dor os manifestantes ficaram encurralados em massa entre as ruas perpendiculares, impedidos de se aproximar da sede, aliás ainda estavam longe, por um forte aparato da Brigada Militar. Curioso que poucos minutos antes de serem atingidos pela BM, um grupo entoava o bordão: “sem violência, sem violência!”, o que se tornou um ícone dos pacifistas, que também foram avistados apontando flores ao batalhão, sem eficácia comprovada diante da chuva de gás. Naquele momento das manifestações as causas já estavam pulverizadas; pautas inúmeras e às vezes contraditórias entre si. Reivindicavam saúde, educação, transporte, anticorrupção, contra politicagem etc. Havia ativistas de esquerda, manifestantes apertidários, juventude de diversos bairros, havia quem ia para o enfrentamento direto e quem se comportava como em um carnaval<sup>27</sup>. Havia bandeiras do Brasil junto com palavras de ordem nacionalistas; bandeiras anarquistas junto com ação direta. A pauta havia se esvaziado, chego ao ponto de esgotamento?, ou ainda havia espaço para a transmissão? Ecoa -“Como fortalecer as tendências positivas por dentro dos antagonismos?<sup>28</sup>” -*

**... imersas no calor dos acontecimentos perduramos.**

---

<sup>25</sup> CAVA, Bruno. 2013. A multidão foi ao deserto: as manifestações no Brasil em 2013. p.39.

<sup>26</sup> *ibid.*, p.39.

<sup>27</sup> *ibid.*, p.37.

<sup>28</sup> *ibid.*, p.37.

\*

Moysés Pinto Neto (2015) elabora sobre junho de 2013 à luz dos autores Rodrigo Nunes, André Singer e Marcos Nobre. Assinala que a transição geracional, que atravessa a cisão entre esquerda e direita foi um ponto central no movimento. Essa geração de novos atores, pós-Constituição de 1988, que se valeu de pautas moralistas como a “anticorrupção”, rejeita em bloco todo sistema, o que seria uma resposta contra o patrimonialismo que percorre a cultura política brasileira.

Segundo ele, a análise de Singer em relação ao “Lulismo” aponta para um “esgotamento do modelo e a necessidade de se pensar em um novo ciclo que não dependa de condições favoráveis na conjuntura econômica internacional e induza o crescimento com a transformação da sociedade brasileira”<sup>29</sup>, o que seria uma espécie de prognóstico acerca dos futuros desse período, e que desencadearia em acontecimentos, como as jornadas de junho. Singer divide as manifestações em três momentos, o primeiro seria o de revolta contra o aumento de passagem de ônibus em São Paulo, mobilizado pelo Movimento do Passe Livre (MPL), o qual identifica como “progressista”, autonomista e anticapitalista; o segundo quando infla a violência policial e acarreta a virada na perspectiva da grande mídia; e o terceiro quando, a partir da adesão dos meios de comunicação de massa, os protestos perdem o foco e tornam-se plurais, marcado por classes distintas e ideologias radicalmente opostas, do anarquismo libertário ao fascismo.

**“Manifestantes depredam estação de Metrô, banca e shopping na Paulista**

Confronto com a PM deixou rastro de destruição e vandalismo. Protesto foi contra aumento na tarifa de ônibus de R\$ 3 para R\$ 3,20.” (6 de junho, 2013, G1)  
Imagem: patrimônio público queimando na Avenida paulista.

**“Mais de 200 são detidos e há um grande número de feridos, inclusive jornalistas”** (13 de junho, 2013, G1) São Paulo

**“Maracanã tem protestos em dia de final da Copa das Confederações**

Cerca de 1.200 pessoas fizeram protestos no entorno do estádio à tarde. De manhã, 5 mil foram às ruas; ato foi pacífico com momentos de confronto.”(30 de junho, 2013, G1)  
Imagem: tropa de choque pacífica frente a manifestante portando bandeira do Brasil.

A partir de meados de junho, com a classe média em massa nas ruas, temos a mudança de pauta, que já não era a demanda por melhoria no transporte público,

---

<sup>29</sup> SINGER, A., 2012, pp. 200-221 apud NETO, M. 2015, p.

reivindicações em relação a segurança pública, a mobilidade urbana como um todo, a moradia, a saúde, e a educação, mas sim demandas centralizadas nas denúncias de corrupção. A pauta "anticorrupção" dos movimentos divide opiniões. André Singer não tem dúvidas que ela é conservadora. Jesse de Souza (2014) sinaliza que essa seria uma demanda estatal e personalizada, através da qual a classe média reproduz os próprios privilégios de classe. Esse segmento sai às ruas “para condenar sempre um 'outro' que não nós mesmos. O privilégio, afinal, precisa ser justificado ou tornado invisível para se reproduzir<sup>30</sup>”.

A análise de Nobre, em *Choque de Democracia*, sustenta que as revoltas teriam sido fundamentalmente contra a cultura política do Lulismo, o que segundo ele significa “entre outras coisas, um "pacto conservador" que, além de manter intacta a estrutura de classes, não toca na forma normal de funcionamento do sistema político. O PT passa a ser simplesmente o "administrador do condomínio peemedebista"<sup>31</sup>. Assim, as revoltas não seriam apenas contra o PT com o pretexto da corrupção, mas também contra um modelo de funcionamento político sistêmico desde a Constituição de 88?

Tais sínteses nos levam a pensar que “as demandas relacionadas ao transporte público não eram apenas demandas contra o mercado, mas igualmente contra a falta de transparência dos arranjos entre o poder público e as concessões privadas na definição das tarifas e da qualidade dos serviços públicos oferecidos que beneficiava oligarquias econômicas”<sup>32</sup>. O que demonstra que as revoltas podem ser lidas no seu viés contra corrupção, não a casuísta, desprovida de leitura estrutural, mas sim, a corrupção sistêmica, o que se trata de uma reivindicação republicana que é legítima em uma democracia. A organização em torno da pauta única provém como alternativa estratégica e possivelmente mais efetiva para uma mudança na política pública.

\*

A questão da esquerda é um capítulo à parte. Segundo Nunes (2014), no campo da esquerda, a geração atual que estava nas ruas foi gestada a partir de um novo ciclo político. A fim de pensar o que impulsionou o movimento, dentro da esquerda, lembramos que essa geração desaprovou medidas do Governo Dilma Rousseff, no que se refere a pautas como “direitos reprodutivos, demarcação de terras indígenas, proteção ao meio ambiente, estímulo

---

<sup>30</sup> SOUZA, J. 2014, p. 46 apud NETO, M., 2015, p.124.

<sup>31</sup> NETO, Moysés. 2015. Juventude em chamas: pessimismo, organização e utopia. p.124.

<sup>32</sup> ibid.,p.125.

à megaeventos esportivos e especulação imobiliária”<sup>33</sup>, ainda sob a crise que assolava o país, após o crescimento exponencial da última década. A lógica de governabilidade e concessões, de um nacional-desenvolvimentismo, passou a receber críticas por parte desse setor. “A crise de 2008 marca uma virada no lulismo que se converte, gradualmente, em uma "tecnocracia de esquerda" baseada em um projeto de modernização unidimensional”<sup>34</sup>.

Faz-se relevante uma diferenciação dentro do campo da esquerda, "esquerda" e "progressismo", os últimos identificados com partidos do poder e a militância tradicional. A discórdia entre esses segmentos provém justamente da lógica de governabilidade e concessões dos “progressistas” no poder, o que passa a receber críticas por parte da “esquerda”. As divergências dentro da esquerda, classificadas em oposições binárias, também estava presente nos anos de chumbo. Dois grupos aparecem nas narrativas sobre a época. Por um lado, a esquerda revolucionária, armada, marxista, referida como “ortodoxa”, “comprometida com a causa”, com traços mais moralistas; por outro lado a esquerda reformista, menos radical, pejorativamente chamada de “esquerda festiva”, associada à contracultura e ao tropicalismo<sup>35</sup>.

A junção entre a "esquerda progressista", mais pragmática e comprometida, e à esquerda "das ruas", mais radical e utópica, criou um diálogo mutuamente construtivo em prol da "luta contra os reacionários". O PT e os "governistas" reagiram desestimulando os protestos, afirmando sua condição de polo reacionário aos olhos da nova esquerda. A esquerda governista foi mais longe do que a grande imprensa, “enquanto esta se limitava a condenar os “atos de vandalismo” como uma expressão puramente criminal e apolítica, a esquerda preferiu somar o adjetivo “fascista”, qualificando historicamente o “perigo” que os protestos representariam para a sociedade”<sup>36</sup>.

Em relação a disjunção inclusiva, que iniciou com força no período contra o golpe de Dilma, Moisés faz referência a tese de Rodrigo Nunes, que assinala o seguinte:

[...] o que torna uma luta justa dentre as múltiplas possibilidades de juízo acerca dela é ser dirigida contra o reacionarismo. E se o chinês (Mao) via na história o juiz crítico dessa operação em termos de estratégias, Rodrigo deposita - evitando qualquer tipo de teleologismo - na própria tensão entre perspectivas a única saída com a qual temos que conviver. O antagonismo é inescapável.<sup>37</sup>

---

<sup>33</sup> *ibid.*, p.118.

<sup>34</sup> NETO, Moisés. 2015. Juventude em chamas: pessimismo, organização e utopia. p.119

<sup>35</sup> SOUZA, Alice De Marchi. Modulações militantes por uma vida não fascista. 2018.

<sup>36</sup> CAVA, Bruno. 2013. A multidão foi ao deserto: as manifestações no Brasil em 2013. p.23

<sup>37</sup> NUNES, 2014a, p. 53 apud NETO, 2015, p.119

Tal questão nos convoca a pensar o momento atual, que ainda sob contextos extremamente distintos, em 2013 a esquerda governava o país e a extrema direita ainda buscava espaço, os antagonismos dentro da esquerda se evidenciam e a hipótese da disjunção inclusiva ganhou destaque no movimento “Somos setenta por cento”, com o intuito de fazer frente ao governo, após a pesquisa Datafolha de maio<sup>38</sup>, a qual apontou que apenas cerca de trinta por cento do eleitorado consideravam o governo bom ou ótimo. A corrente pela formação de uma frente ampla circulou pelas redes. Segundo estimativa a esquerda teria algo entre vinte e trinta por cento de apoio eleitoral<sup>39</sup>, o que implicaria necessariamente uma junção com a direita para formar maioria, uma aliança. Os acontecimentos que se sucederam e a última pesquisa<sup>40</sup>, que quebrou expectativas (para quem ainda as tinha), não levaram o projeto a cabo.

O acirramento da polarização está entre um dos fatores determinantes que levou o atual governo ao poder. Diante de uma tempestade que passa e deixa a terra arrasada, onde ninguém pode habitar, capaz de produzir vertigem pela escassez de possíveis caminhos, o vazio precisa ser preenchido. Sem alternativas pragmaticamente viáveis, a maioria apoiou o que se apresentava como saída - mais do mesmo explorando o pior do que já existe, o que visa uma transformação social retrógrada (“retorno a origem”), um “projeto revolucionário”/radical de direita, de destruição e reconstrução, anti establishment, figurado por um populista reacionário. Nesse cenário, a esquerda forma um nicho identitário que radicaliza. Aqui, me detenho apenas as divergências dentro do campo esquerdista.

Em 2020, os embates políticos giram em torno das lutas, muitas vezes denominadas como identitárias, as quais já estavam presentes em junho 2013, na luta LGBTQ+, na luta anti racista - pela liberdade de Rafael Braga, no questionamento acerca do desaparecimento de Amarildo - ainda que não fossem o foco principal. Tais lutas abarcam questões práticas e teóricas complexas, a fim de apontar/questionar práticas de exclusão ao longo de séculos, enraizadas na gramática social, o que diz respeito a todos nós, integralidade dos sujeitos<sup>41</sup>.

---

<sup>38</sup>Pesquisa datafolha

<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2020/05/1988731-reprovacao-a-bolsonaro-sobe-atinge-43-aprovacao-fica-estavel.shtml>

<sup>39</sup> NETO, Moysés. 70%. E agora, o que fazer? Medium

<sup>40</sup> Pesquisa datafolha

<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2020/08/1988832-aprovacao-a-bolsonaro-cresce-e-e-a-mais-alta-desde-inicio-de-mandato.shtml>

<sup>41</sup> SAFATLE, Vladimir. 2020. Identitarismo branco. Coluna - El país

A tentativa de separação entre essas lutas e as outras embaça o território de multiplicidades. A questão identitária está totalmente entrelaçada na dinâmica das relações. Em oposição à ela temos os discursos universalistas, arraigando-se em uma suposta unidade, que ao afirmarem o universal não deixam de afirmar uma identidade, a naturalizada pela hegemonia de uma história de opressões<sup>42</sup>, a história dos vencedores. Assim, parece ser uma ilusão acreditar estar fora do campo identitário. Como aponta Safatle (2020), afirmar a universalidade parece ser a operação de um sistema defensivo contra a própria força de descentramento, contra a experiência produzida pelo contato com a alteridade, que implica um processo de transformação. Ainda, afirma que este debate coloca “novos problemas e novas sensibilidades com as quais precisaremos lidar no interior das lutas sociais contemporâneas por reconhecimento<sup>43</sup>”. Deparar-se, problematizar a narrativa ocidental - branca europeia, pela qual somos subjetivados, vai ao encontro com a política do esquecimento. A capacidade plástica de poder mudar-transformar-deslocar tal narrativa que nos é familiar.

Por outro lado, frente ao atual cenário macropolítico, as formas de resistência parecem se inserir cada vez menos no campo micropolítico e ético. Como aponta Badiou (2012) somos contemporâneos de 68 no ponto de vista político, uma vez que estamos diante dos mesmos problemas em relação a um campo de esquerda e suas formas de organização<sup>44</sup>. Nesse sentido, talvez o retrocesso conjuntural nos coloca questões antigas de - formas de se organizar, rumos da esquerda, formas de lutar - quando a Democracia está em cheque e todos que se opõe ao governo são ditos comunistas.

\*

*Em 1968 era raríssimo alguém se dizer de extrema direita<sup>45</sup>. Os “3 M de 68”, Marcuse, Marx e Mao, percorriam a imaginação dos jovens brasileiros, apesar de suas obras ainda não estarem nas prateleiras das livrarias<sup>46</sup>. Através da imprensa tinham notícias acerca das publicações, além de acesso a opiniões e às vezes a alguns trechos, que se restringiam a mídia não convencional, lida por alguns que encontravam um meio rápido de*

---

<sup>42</sup> SAFATLE, Vladimir. 2020. Identitarismo branco. Coluna - El país

<sup>43</sup> SAFATLE, Vladimir. 2020. Identitarismo branco. Coluna - El país

<sup>44</sup> SOUZA, A. 2018. Modulações militantes por uma vida não fascista. p.298

<sup>45</sup> VENTURA, Zuenir. 2013. 1968: o ano que não terminou. p.174

<sup>46</sup> *ibid.*, p.60.

*propagar os ideais, afinal para fazer a práxis era necessário a teoria. Ser contemporâneo de Mao, Fidel e Che alimentava o espírito revolucionário, a crença que “a prática ensinaria o caminho, como se podia ver nos textos de Mao [...] e nos ensinamentos teóricos de Guevara e Debray<sup>47</sup>”; parecia que “importava menos ler Marcuse do que discuti-lo<sup>48</sup>”. De 66 a 68 é provável que os estudantes tenham passado mais tempo na rua que nas faculdades, o que a direita criticava - por que não se preocupam mais com os estudos e menos com política?-<sup>49</sup>, referência que, não apenas aponta a falsa dissociação entre o campo do conhecimento e a política, mas também para a repercussão que o fazer política assumia na época, quando tudo era passível de ser politizado, “do sexo às orações<sup>50</sup>”, fruto dos anos libertários. Essa geração foi marcada pela Grande Recusa, o que se refere não apenas a recusa no âmbito político, nas formas de se governar, mas também no econômico, intelectual, cultural, estético, nas formas de amar, pensar e resistir vigentes<sup>51</sup>. Fazia-se política em todos os lugares, mas a preferência era nas ruas, quanto a isso, com ironia, Nelson Rodrigues dizia “Há, em qualquer brasileiro, uma alma de cachorro de batalhão, [...] passa o batalhão e o cachorro vai atrás. Do mesmo modo o brasileiro adere a qualquer passeata<sup>52</sup>”.*

*Em junho o governo brasileiro se preocupava com a volta do maio francês no Brasil. A especulação de um plano comunista de exportação das agitações estudantis circulava pelas autoridades brasileiras. Os estudantes anunciaram que não seria a repetição do que houve na França, mas que seria muito pior. De fato, a realidade no Brasil era mais dura, enquanto o movimento francês, sob o regime do governo de De Gaulle, lutava contra a “sociedade de opulência” ou a “unidimensionalidade da sociedade burguesa”, gozando de liberdades democráticas mínimas, além de um vigoroso Estado de Bem-Estar Social<sup>53</sup>, no Brasil se lutava contra uma ditadura militar. A intensidade política dos corpos se incorporava a paisagem urbana. 68 foi o ano dos incêndios. A chamada “sexta-feira sangrenta” foi possivelmente mais violenta que o maio francês. O cenário foi marcado pela luta popular, por quase dez horas, contra a polícia nas ruas. Não apenas os estudantes lutavam com suas armas, paus e pedras, mas também a população revoltada jogava do alto*

---

<sup>47</sup> VENTURA, Zuenir. 2013. 1968: o ano que não terminou. p.65

<sup>48</sup> *ibid.*,p.60

<sup>49</sup> *ibid.*, p.82

<sup>50</sup> *ibid.*,p.83

<sup>51</sup> SOUZA, Alice De Marchi. Modulações militantes por uma vida não fascista. 2018. p.210

<sup>52</sup> VENTURA, Zuenir. 1968: o ano que não terminou. 2013. p.83

<sup>53</sup> CORRÊA, Erick; MHERB, Maria Teresa. (2018). 68 Como incendiar um país. p.10

*dos edifícios garrafas, cadeiras, vasos de flores e até uma máquina de escrever. O que as levaria a tal impulso? De suas salas, dos escritórios ouviam o som de buzinas: anunciavam que o conflito havia parado o trânsito. O ar tomado pela fumaça tornava a visão turva dos manifestantes. O cheiro de gás lacrimogêneo chegava às janelas. Sem coragem de descer, e diante da necessidade de sentir que faria alguma diferença naquele cenário de guerra, um sujeito toma aquele objeto em desuso, que tanto o acompanhara no trabalho, ferramenta de sua imaginação, e o joga em um feito imediato. Telejornalistas noticiam o instante; jovens na rua, no curto espaço de tempo que a visão permite olhar a outros ângulos avistam aqueles objetos caindo e vibravam. O calor se tornava abafado. Tudo tinha muita força. As vozes oscilavam entre um tom alto e o silêncio ao sentir a respiração ofegante. O agito dos corpos, a euforia, o excesso de informação cediam, aos poucos, lugar a pausa. A revolta dos espaços privados também está naqueles que piscavam luzes de suas casas incentivados pelos coros da massa e nos painéis, costumeiramente julgados aos “coxinhas”, revividos em 2020 pela esquerda, que diante da impossibilidade de sair às ruas, incorpora esse gesto, o qual encontra eco contra o governo que não nos representa.*

*Naquele dia, o Jornal do Brasil (JB) fez a transmissão. Grande parte do conflito ocorreu na Avenida Rio Branco, onde os estudantes começavam a erguer barricadas; a cavalaria da PM chegava com seus batalhões de choque, agentes do Dops e da Polícia Federal também participavam da repressão. O som dos cavalgados a ritmo acelerado no asfalto revertiam a energia, a adrenalina em medo. Desde a morte e missa de Edson Luís - o secundarista de 18 anos, atingido pela PM, com um tiro à queima roupa no peito, no restaurante universitário onde os estudantes protestavam contra a elevação do preço das refeições - se achava que o Rio de Janeiro já tinha assistido a pior violência do gênero. Os dias que antecederam a sexta-feira também foram marcados por forte repressão. Na quarta-feira, ocorreu a Assembléia dos estudantes no Teatro da Arena, quando a pauta circulava em torno da hierarquia dentro da universidade. Ali, naquele momento, houve a “quebra do autoritarismo e o rompimento do domínio absoluto que os professores detinham na universidade até os anos 60”<sup>54</sup>; problematização característica daquele ano: o episódio em que Daniel Cohn-Bendit é entrevistado por Sartre, invertendo os papéis instituídos. Enquanto a assembléia acontecia o batalhão de choque da PM cercava o local. Depois de horas discutindo sobre reivindicações do movimento, a saída do local resultou em massacre,*

---

<sup>54</sup> VENTURA, Zuenir. 2013. 1968: o ano que não terminou. p. 135

*ainda sob o acordo de retirada das tropas e saída dos estudantes sem passeata ou manifestação, feito entre o diretor da universidade e o chefe do policiamento. Esses acontecimentos que ocorrem antes e sucederam a “sexta-feira sangrenta” aprontaram a cidade para a Passeata dos Cem Mil.*

\*

Diante do que reverbera se questionou - Por que dar sobrevivência àquele período de grande intensidade política? -, que no horizonte daquele tempo representou uma maneira radicalmente diferente de se posicionar. A recusa aos modos de fazer política vigentes, em 1968 e em 2013, e a abertura à experimentação insurgem no presente momento apenas enquanto imagem melancólica? Quais desdobramentos permitem afirmar e relançar uma memória no presente? Trata-se de um exercício memorialístico? De puxar linhas que atravessam esses acontecimentos e ainda persistem, a fim de produzir novas costuras?

Zuenir Ventura (2013) ao escrever sobre 1968, vinte e um anos depois, tomou como subtítulo “O ano que não terminou”, o que vai ao encontro da perduração dos anos no tempo, que nos permite pensar assim acerca de 2013, diante da certeza que aquele ano ainda se faz presente. Linhas nos atravessam e constituem um corpo histórico, que está continuamente produzindo memória, o que nos permite acessar acontecimentos de 68 ou 13, através de narrativas em produção. Safatle, refletindo sobre a produção de corpos políticos, diz assim:

Através da história, ser e tempo se reconciliaram no interior de uma memória social que deveria ser assumida reflexivamente por todo sujeito em suas ações. Memória que seria a essência orgânica do corpo político, condição para que ele existisse nas ações de cada indivíduo, como se tal corpo fosse sobretudo um modo de apropriação do tempo, de construção de relações de remissão no interior de um campo temporal contínuo, capaz de colocar momentos dispersos em sincronia a partir das pressões do presente<sup>55</sup>.

Assim, cabe indagar - O que estamos fazendo de nós? O que são esses exercícios políticos de revolta que construímos? Como rememorar a partir de uma postura ética com o presente? - Tais questionamentos provém do encontro com forças que a subjetivaram ao longo da graduação. O presente momento possibilitou alguns encontros que povoam a atual solidão, o que lhe permitiram recolher pistas.

\*

---

<sup>55</sup> SAFATLE, V. 2015. O circuito dos afetos: corpos políticos, o desamparo e o fim do indivíduo. p.69

Foucault, em *Hermenêutica do Sujeito* (2006), escreve “É talvez uma tarefa urgente e fundamental, politicamente indispensável, construir uma ética de si, se é verdade, no final de tudo, que não existe um outro ponto, primeiro e último, de resistência ao poder político, senão na relação de si consigo mesmo.” Percebe que as suas questões se relacionam com o que autor elaborou acerca do cuidado de si, ao resgatar essa prática importante das civilizações grega e romana<sup>56</sup>, as quais atualiza no “exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser”<sup>57</sup>, o que não implica necessariamente controle de si. Por onde andamos na luta por um mundo outro senão partimos do cuidado de si? Possivelmente nunca falamos e precisamos tanto cuidar de nós como em 2020. Diante de um contexto pandêmico, de um governo autoritário, necropolítico<sup>58</sup>, do corte de verbas nas áreas de saúde, educação, áreas sociais, da violência policial, da incitação e reprodução do ódio por parte de governantes e de uma minoria da população, do racismo estrutural, entre outros exemplos, cuidar de si parece vociferar como imperativo, como um esforço sobre si necessário.

O que não se trata apenas de uma prática individual. No mundo greco-romano constituiu o modo pelo qual a liberdade individual ou a liberdade cívica, até certo ponto foi pensada como ética. A ética, assim, se coloca como condição para a prática da liberdade.<sup>59</sup> E é preciso um trabalho de si sobre si mesmo para que a liberdade seja ética<sup>60</sup>. O exercício da liberdade é em si mesmo um ato político, na medida que o modelo político, a figura do soberano, o que podemos atualizar, no contexto biopolítico, na figura do (a) governante, encontram relação. Foucault (2004) escreve que “ser livre significa não ser escravo de si mesmo nem dos seus apetites”<sup>61</sup>, e nem do outro. A figura do “bom soberano é precisamente aquele que exerce seu poder adequadamente, ou seja, exercendo ao mesmo tempo seu poder sobre si mesmo. É o poder sobre si que vai regular o poder sobre os outros”<sup>62</sup>. Assim, o cuidado de si se coloca como condição pedagógica, ética e ontológica para a constituição do

---

<sup>56</sup> Foucault retorna a antiguidade grega, a fim de articular sobre liberdade e democracia, para além da corrente do liberalismo. Nesse sentido, a Grécia antiga se apresenta como o berço da democracia, perspectiva histórica da tradição ocidental.

<sup>57</sup> Foucault, M. 2004. *A ética do cuidado de si como prática da liberdade*. p.3

<sup>58</sup> Noção à Mbembe, A. 2018. *Necropolítica*.

<sup>59</sup> Foucault, M. 2004. *A ética do cuidado de si como prática da liberdade*.

<sup>60</sup> *ibid.*

<sup>61</sup> *ibid.*, p.5.

<sup>62</sup> *ibid.*, p.5.

bom governante, refletindo na relação com a sociedade, com as formas de organização política, regulação das assimetrias nas relações de poder, estratégias de resistência.

Pode ser pensada como uma prática do desassossego? Um exercício experimentação de si de sair de fronteiras e construir fronteiras, como territorializar e desterritorializar? Entre a vontade da boa forma que nega, controla o caos, o intempestivo e o dilaceramento de si; o cuidado de si se localiza no entre. Não se trata de negar o caos, mas de construir a forma junto ao caos, reconhecendo que no caos também habita a forma.

Tal prática dialoga com a questão da atualidade. O que é a atualidade? Esse questionamento lhe interessa, a fim de articular com o presente, na esteira dos acontecimentos que vão se desenhando como campo de análise. Como a prática de si se relaciona com o presente? Baudelaire é considerado o poeta da modernidade. Benjamin (1989) o toma como estudo, dialoga com ele ao elaborar sobre a passagem da experiência à vivência nesse tempo histórico. Não se trata necessariamente da perda da experiência com a modernidade, mas do que persiste nessa prática e adquire outros contornos no presente, que acompanha a mudança do tempo. Kant<sup>63</sup> ao se reportar ao seu atual, ao Iluminismo, acontecimento histórico no fim do século XVIII, entende que a humanidade, através do uso adequado da razão, que implicaria a distinção entre o uso público e o uso privado, caminha para seu estado de maioridade, o que marca uma passagem. A atualidade se situa nesse movimento, em que “cada um é responsável de uma certa maneira por esse processo do conjunto”<sup>64</sup>.

Foucault (2005) sustenta que tal reflexão demonstra a atualidade de seu trabalho, o que pode ser entendido como uma atitude, atitude da modernidade, isto é, um modo de relação que concerne à atualidade, deslocando, assim, a modernidade apenas de um período da história, o que anuncia o traço atemporal, nos colocando diante de um eterno presente. O sujeito da modernidade é o sujeito que fala e que é falado. Ao falar da história está construindo a história, o nosso tempo. O homem moderno, para Baudelaire, não é aquele que parte para descobrir a si mesmo, seus segredos como verdade escondida; ele é aquele que

---

<sup>63</sup> Em Foucault, M. 2005. O que são as luzes?

<sup>64</sup> Foucault, M. 2005. O que são as luzes?. p.8

busca inventar-se a si mesmo. Essa modernidade não liberta o homem em seu ser próprio; ela lhe impõe a tarefa de elaborar a si mesmo.

Assim, a modernidade não apenas assume os contornos do transitório, fugidio, contingente, do trabalho das máquinas, do ritmo acelerado dos transeuntes nas avenidas, mas também de uma atitude frente a tal, o que se traduz pela maneira de pensar e de sentir, de agir e de se conduzir, que pode ser pensado enquanto éthos. Foucault (2005) cita, referindo-se à Baudelaire que

ser moderno não é reconhecer e aceitar esse movimento perpétuo; é, ao contrário, assumir uma determinada atitude em relação a esse movimento: e essa atitude voluntária, difícil, consiste em recuperar alguma coisa de eterno que não está além do instante presente, nem por trás dele, mas nele<sup>65</sup>.

Tal passagem parece remeter ao *eterno retorno* nietzschiano, isto é, não se trata da mera aceitação a esse movimento, de dizer “sim” do mesmo modo que se diz “não”, mas de um “sim” que se agênciava, uma ação ativa, na sua potencialidade.

Compreender a atualidade dessa forma é afirmá-la, contra o rancor frente a passagem do tempo e o desejo de um além metafísico<sup>66</sup>.

O ensinamento que conduz a essa forma de superação é o eterno retorno do mesmo. Não se trata de mera aceitação resignada dos acontecimentos do destino, mas de afirmação incondicional, que aceita e bendiz cada instante vivido. Por meio desse ensinamento, o homem deve aprender a agir como se a mais ínfima de suas ações devesse se repetir eternamente, de maneira a dar à sua própria existência a bela forma da obra de arte. O eterno retorno é a lição que imprime ao instante o selo da eternidade e que leva ao amor do destino (*amor fati*)<sup>67</sup>.

A lógica do eterno retorno pressupõe uma ética perante o tempo e a memória. Na filosofia nietzscheana trata-se de encarar o niilismo frente a existência de Deus, e afirmá-lo, o que nos insere na filosofia trágica. Ter de dar sentido à vida por si mesmo se apresenta como exercício de liberdade, que implica superar a busca pela verdade ao fundamentar valores e afirmar a potência do falso, o que possibilita dar passagem a fluidez do pensamento; transformá-la em uma questão de intensidade. Esse conceito leva o pensamento ao seu limite, a radicalidade. A ideia de retorno exatamente ao mesmo, do mesmo modo, vociferada pelo

---

<sup>65</sup> Foucault, M. 2005. O que são as luzes? p.9

<sup>66</sup> GIACOIA, J. 2000. Osvaldo. Nietzsche / Osvaldo Giacoia Júnior. p. 35

<sup>67</sup> *ibid.*, p.35

demônio<sup>68</sup>, que podemos tomá-lo como pensamento, pode ser assustadora, um enorme peso, ou pode ser encarada como passagem para uma vida autônoma, ética.

Encarar o eterno retorno exige de nós uma transformação, o que é possível? Segundo essa filosofia seria uma marca do super homem<sup>69</sup>, nos colocando diante do (im)possível como um convite a superação, a explorar outras maneiras de se afetar e ser afetado, contra pensamentos que demonstram o desejo de retorno ao que fomos, a um determinado período. O “antes é que era bom” se evidencia com força em 2020, no campo político, seja pela extrema direita, ao anunciar o desejo de retorno a ditadura militar, seja no campo da esquerda mais adepta ao PT, após a eleição do atual governo, ao cultivar uma imagem nostálgica e de supervalorização ao lulismo; o que entrava essa afirmação. A ideia do mal, dos maus momentos, maus encontros, seria o que impulsiona a busca pelo retorno, além do acaso, do incerto e o súbito quando não nos favorecem, quando o erro não se agênciava enquanto potência.

A questão, então, é poder tomar uma afirmação para além do bem e do mal; tomar o acontecido como o único fluxo possível. “[...] Não querer nada de diferente, nem para frente, nem para trás, nem por toda a eternidade. Não apenas suportar aquilo que é necessário, muito menos dissimulá-lo - todo idealismo é falsidade diante daquilo que é necessário -, mas sim amá-lo<sup>70</sup>”. Amar o destino... como incorporar isso? O pensamento precisa se tornar afeto, o conhecimento tomar corpo, entrar para a vida. Aceitar o *amor fati* é não querer nada de outro modo, o que afirma o contínuo devir? Nietzsche psicólogo continua a nos dar pistas, a enfraquecer os nós, que desafiam a sua relação com 2013.

\*

*Os olhos, que pouco podem ser vistos pelo jogo de luz e sombra que capturou em seu rosto, traduzem o sentimento daquele dia. O corpo e os ombros caídos, como o gesto involuntário de quem já não suporta carregar o mundo, também. Abraça-se ao pilar que sustenta o telhado da parada de ônibus, onde é possível avistar adesivos do PT, em rasgos. A estrela, o treze e a foto do Haddad estão com ela naquele abraço. Sente que naquele momento, mais que em outros, restam os restos; o abraço aos restos; as cinzas da esperança que tinham de*

---

<sup>68</sup> Referência à NIETZSCHE, F. 2015. Assim falou Zaratustra.

<sup>69</sup> Referência à ibid.

<sup>70</sup> NIETZSCHE, F. 2012. Ecce Homo, p.68.

*não ver o pior acontecer. Já era tarde. O atual presidente havia sido eleito há dois dias e elas estavam ali, abraçadas ao poste, na Cidade Baixa. A manifestação, chamada pela organização do PT, não a entusiasmava, mas a sua amiga sim. Havia ido para lhe fazer companhia e para somar a sua tristeza. Não é possível voltar. Por quatro anos inteiros não tem volta. Durante uma pandemia não tem volta. O sentimento de indignação passara e restava o amortecimento. Movida pelo ímpeto de ter que fazer algo caminhava junto aquelas pessoas, que pareciam não haver “caído na real”. Como podiam carregar bandeiras, chamar o coro e vestir a camiseta? É preciso recortar. Avistava poucos jovens. Quem eram elas? Uma geração inteira que vislumbrou outro horizonte possível para o Brasil; que viveu a promessa, o compromisso de uma resolução por vir, e veio, em parte; que passou pelo processo de redemocratização do país e a abertura, o que não nos livrou do peso da história colonial, escravocrata, plutocrata e ditatorial<sup>71</sup>. Quantos anos e quais políticas são necessárias para avançar? É uma questão de tempo e luta? O afeto triste alterava a percepção das coisas. O ar passava a estar mais carregado; as vozes se tornavam cansativas; a cor vermelha parecia assumir tonalidade mais opaca, que junto com a estrela da esperança aumentava o seu desconforto. A frase do Lula no seu discurso de posse “A esperança finalmente venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos”, que havia se tornado slogan da campanha, estava naquela estrela e certamente acompanhou aqueles corpos, aquele sonho de um país mais justo, ou menos injusto. A imagem do Lula operário nas bandeiras que remetia ao passado, se fazia necessária, a fim de resgatar aquele projeto, o início, quando tudo começou. O espírito sindicalista daquela figura carismática também influenciara a sua imaginação política de outro modo. Sabia o peso da representação que apaixonava aquelas pessoas. Queria dizer que...que... no presente restava o colapso daquele projeto. - Por que estava ali mesmo? Ah, sim. Foram para somar a indignação junto a outros corpos, para sentir que não estavam sós, para gritar a revolta, para silenciar também, e, se não desse para segurar, chorar. - Nem era naquele lugar que queria estar. Não vestir o luto lhe parecia uma farsa, uma afronta a sua dor. A estrela da esperança está morta. O dia da esperança sem medo quebrou expectativas. Ao decidir que não era hora de luta porque não tinha forças em quê acreditar para seguir adiante, alguém passa ao seu lado e grita à massa - “Ninguém solta a mão de ninguém” -, enunciado que circulara pelas redes sociais no dia fatídico. Ela mesma compartilhara a*

---

<sup>71</sup> COSTA, Luis Artur; DANICHI, Hausen. 2018. Colapso clínico-político do comum na contemporaneidade.

*imagem de muitas mãos dadas frente ao desespero do inacreditável, inominável. Com raiva, naquele momento que imperava a descrença, o ouviu. A frase continha uma verdade. Sabíamos que o que estava por vir recairia com mais força sobre os mais vulneráveis. Era o que precisava ser dito. Afirmar que estamos aqui, que continuamos implicados na luta, que seguimos, o que também contém o medo da falência de si perante a rachadura narcísica, um signo melancólico. As diferenças dentro do campo da esquerda, a impossibilidade de abraçá-las ao invés de torná-las um campo de disputa seguraria as mãos? Caminhou carregando o adesivo do “ELE NÃO” em seu peito. O grito desesperado que unira milhões de brasileiros. O grito que nega porque não quer acreditar, que resente porque resta melancolia. Toma a fotografia, registro daquele dia, lembranças vivas e segue em busca das frestas. Como ter esperança sem ter esperança?*

\*

Segundo a noção bergsoniana, a ontologia do presente, compreender o tempo enquanto duração, duração de um movimento, é indissociável de liberdade, do que entendemos por ética da liberdade, tal qual a do *amor fati*, que se permite afirmar o seu destino, a constante variação abandonando a ideia de domínio, controle de si. É o modo de experimentação possível de nos tornar efetivamente livres - não se trata de liberdade de escolha em uma sociedade tão excludente - , o que se contrapõe a lógicas intemporais que nos submetem.<sup>72</sup> O passado “presente por inteiro em cada momento de nossa vida [...]”<sup>73</sup>, se repete enquanto deslocamento; se apresenta sempre de forma diferente, ainda que as ocasiões sejam semelhantes. Nunca retornamos ao mesmo lugar. Movimentos atuam nesse processo, o atual (presente), mais denso, com forma e mais instituído, como o acontecimento; e o virtual (passado/ futuro), forças instituintes. Tais movimentos coexistem, como forças sempre colocadas, o virtual constitui o atual e vice versa. “[...] Consequentemente é preciso introduzir uma outra forma de memória”<sup>74</sup>, que não é a memória do presente (memória-contracção), nem a memória do passado (lembrança), mas a memória do futuro. Em *Matéria e memória* (1986), Bergson defende a conservação integral da memória<sup>75</sup>.

---

<sup>72</sup> LAPOUJADE, D. 2017. Potências do tempo.

<sup>73</sup> *ibid.*, p.20

<sup>74</sup> *ibid.*, p.25

<sup>75</sup> KASTRUP, V. 2003. Cartografias e devires. A construção do presente. p. 59

O presente que não passa, que opera enquanto duração se coloca paralelamente ao passado da memória-lembrança e ao “incessante tornar-se presente da memória-contração”<sup>76</sup>, o qual produz, no acúmulo de energia, a memória-espírito, que “não é a memória daquilo que percebemos no presente; não é a memória daquilo que fomos, é a memória daquilo que somos e nunca deixamos de ser, mesmo que não tivéssemos conhecimento disso”<sup>77</sup>. O tempo bergsoniano não pode ser definido em ser ou não ser, o passado como aquilo que não é mais e o futuro como aquilo que ainda não é, mas enquanto continuação, movimento dos seres. Tal noção se contrapõe ao caso dos melancólicos, que permaneceram apegados ao passado ou ao futuro<sup>78</sup>, a um destino que engoliu a liberdade.

Afirmar o eterno retorno e o tempo enquanto duração demanda vencer os ressentimentos, afeto que, no fim do século XIX, Nietzsche elaborou acerca de àqueles que ficaram presos a impossibilidade de esquecer e vivem a memória reiterada, sob as ruínas, o que os impediria de entregar-se ao fluxo da vida presente. A fim de recorrer sobre esse sentimento utiliza-se de tipos de moral e de figuras, muitas vezes presente no mesmo homem, que podemos traduzir em moral de negação e moral de afirmação<sup>79</sup>, as quais atuam enquanto forças. Em uma perspectiva deleuziana, da ontologia de vontade de potência, a força de criação, força plástica, e a força de reativação atuam se afirmando, senão estaríamos em uma relação dialética; ambas são forças ativas que se expressam, mas nem todas as forças se equivalem. Assim, estamos diante da força de afirmação pela afirmação, que produz vontade da diferença e da afirmação pela negação, que produz vontade do mesmo. As figuras do forte e do fraco podemos pensar, a partir de posições. O forte seria aquele que se assume como frágil, uma questão de saber-se fraco, o que possibilita a variação, e não negar a fraqueza, enquanto o fraco como aquele que não admite ser frágil e se vê a si mesmo como forte.

Pensamentos reiterados como “Não posso, não deveria”, tipo de avaliação a partir da negação figura a impotência do ressentido. “A ação do ressentido é a reação, o que lhe concederia o caráter passivo, incapaz de se agenciar de outro modo”<sup>80</sup>. A força reativa, assim,

---

<sup>76</sup> LAPOUJADE, D. 2017. Potências do tempo.p.25

<sup>77</sup> *ibid.*, p.26

<sup>78</sup> *ibid.*, p.28

<sup>79</sup> NIETZSCHE, F. se refere a moral escrava e a moral do senhor. Ainda que se alegue que tanto em Nietzsche quanto em Hegel, a figura do escravo e do senhor não se referem a tipologias sociais-históricas, mas sim a figuras conceituais, o uso desses termos, para se referir a essas figuras, acaba por reiterar uma lógica colonial.

<sup>80</sup> GAGNEBIN, J. 2006. Lembrar Escrever Esquecer. p.47

apenas encontraria saídas reativas, e não em si mesmo, tornando a valoração em relação a vida do mesmo modo, o que pode acarretar na renúncia de si. Reagir a partir de uma vingança imaginária reitera o giro ensimismado sempre a procura de um culpado para o seu sofrimento. As lembranças tomam marcas profundas, dores que não cicatrizam, o que cristaliza o sofrimento perpetuando-o. O ressentido seria então incapaz de perdoar, de querer o retorno do mesmo, de amar o seu destino. Lembramos do anjo da história<sup>81</sup> que se dirige ao passado, acumulando incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersando sob nossos pés. Ele contém o desejo de despertar os mortos, de juntar os fragmentos, mas ao mesmo tempo, em um gesto de virar as costas para o futuro, para o progresso, foge de ser capturado por tal narrativa, o que demonstra resistência, e nos convoca a pensar nas ambivalências, tendo em vista que a força ressentida também pode produzir diferença.

Esse ressentimento produz subjetividade política. Segundo Butler (1997), a “sujeição” ou *assujettissement* funciona enquanto garantia de manutenção, subjetivação e não apenas subordinação ao poder. O sujeito foucaultiano, não está totalmente constituído na sujeição, mas se constitui repetidamente na sujeição; “é na possibilidade de uma repetição que se repete contra sua origem que a sujeição adquire seu poder involuntariamente habilitador.”<sup>82</sup> O processo de sujeição está sempre presente e ao mesmo tempo nunca está completo, na medida em que a resistência também se coloca como condição de constituição do sujeito, o que trava essa luta infinitiva. A sujeição ao poder é a própria condição de sobrevivência do sujeito. O “desejo de ser” sujeito implicado nessa relação é explorado pela sua própria condição de existência.

A vexação do desejo que prova ser crucial para a sujeição indica que, para persistir, o sujeito deve tolher seu próprio desejo. E para que o desejo triunfe, o sujeito deve ser ameaçado de dissolução. Essa relação ambivalente mostra que o esforço para se opor a essa subordinação necessariamente a pressupõe e a reinvoça, o que forma o vínculo de ação<sup>83</sup>.

Esse modelo de assujeitamento diz respeito às normas de conduta, às leis, ao controle, e à melancolia, enquanto relação entre o corpo social e sua introjeção na dinâmica intrapsíquica.

---

<sup>81</sup> Referência à BENJAMIN, W. Teses sobre o conceito da história, 1940.

<sup>82</sup> BUTLER, J. 2017. A vida psíquica do poder. Teorias da sujeição. p.101

<sup>83</sup> *ibid.*, p.12

Safatle (2015) ao desenvolver a articulação entre afetos e corpo político entende que compreender as sociedades, a partir da filosofia política moderna, como circuitos de afetos implica partir dos modos de gestão social do medo, afeto que funciona enquanto estratégia de aquiescência à norma. O medo seria a consequência necessária da política liberal, que tem como premissas a liberdade associada a individualidade social, a cultura emergencial de segurança, a cultura do risco. Além do medo, reportando-se a Freud, o desamparo<sup>84</sup> surge como afeto político central, o qual não assume necessariamente contornos desestabilizadores, pois se afirmado conduz à emancipação. Assim, não seria algo contra o qual se luta, mas algo que se afirma, visando a sua transformação em medo, angústia social, ou como passível de produzir a afirmação da contingência e da errância, o que seria um gesto de forte potencial liberador.

O poder como forma de implicação libidinal, se vincula a tais afetos. Segundo o autor, as identificações, nas quais o poder político se assenta agem produzindo em nós melancolia, fazendo-nos ocupar uma posição necessariamente melancólica<sup>85</sup>. Funciona como estrutura que sujeita sujeitos através da melancolia. Os sujeitos internalizam esse sentimento de fixação a perda do objeto, que os coloca no tempo da inação. O poder gerencia paralisia, impossibilidade de agir. Tal concepção insere a melancolia, na sua relação com o poder, em um modelo de um tempo, em cima de questionamentos como “Não estamos de fato entrando em uma era melancólica?”. Seguindo esse raciocínio, o corpo social, corpo político estaria perdido, incapaz de agenciamento, para o qual só a imaginação é capaz de produzir saídas alternativas. Agamben (2009) ao se referir ao melancólico como “contemporâneo”, aquele que primeiro sente o ruir das certezas instituídas e percebe as sombras de seu tempo, também caminha nessa direção da melancolia como sintoma do nosso tempo. Para além desse entendimento, como pensar a melancolia sem necessariamente sucumbir à paralisia, à mortificação e nostalgia de um passado? Como pensar o “discurso melancólico”, em relação ao poder, na sua ambivalência?

Butler (2017) elabora sobre a melancolia na dinâmica do poder, na esteira de Freud, em “Luto e melancolia” e o “Eu e o Isso”, a fim de articular essa patologia do luto como modelo

---

<sup>84</sup> A política do desamparo não pode ser pensada como prática universal de transformação. Cabe ressaltar o contexto singular em que se insere, dentro de práticas biopolíticas de governo.

<sup>85</sup>SAFATLE, V. 2016. Circuito dos afetos. p. 38

de assujeitamento e problematizar a relação paradoxal entre luto e melancolia: a melancolia pode ser tomada como processo de se chegar ao luto? Segundo a autora, a melancolia é “uma rebelião que foi aniquilada<sup>86</sup>”. A internalização da agressão e a recusa da perda do objeto, do ideal, e consequente preservação dos objetos perdidos como efeitos psíquicos, provém de uma revolta, que ocorre através da repetição e da metonímia. A acusação, em relação a perda, que o Eu levantaria contra o outro inverte contra si mesmo, a “volta”, através da instância crítica, incorporando o outro e ao mesmo tempo contestando a idealidade dessa autoridade. Na sua relação com a dimensão social, o poder do Estado faz parte das operações psíquicas através da instância crítica (Supereu) do melancólico, que é um instrumento ao mesmo tempo social e psíquico. O Estado cultiva a melancolia entre os cidadãos como forma de deslocar a imagem de uma autoridade ideal, o que não significa que a consciência seja uma instanciação do Estado. Essa definição coloca o sujeito melancólico em um movimento ativo que perde a autonomia determinada pela vida social e linguística, e essa perda é condição para existência, para a constituição enquanto tal. Assim, nunca pode se produzir de forma autônoma. “Desde o começo o Eu é outro que não si mesmo; o que a melancolia mostra é que somente ao absorver o outro como si mesmo é que o Eu se torna algo de fato<sup>87</sup>”.

A melancolia funciona como um modelo de sujeição, do qual, enquanto constituinte, não podemos fugir. Afirmar isso significa que sempre haverá um território de negações; sempre estaremos em um lugar melancólico até a passagem para o luto. Nesse jogo, luto e melancolia se colocam como parte do mesmo processo, alternando de posições; não há luto que finde, ou melancolia que acabe, mas continuamente vivemos ocupando tais lugares, no qual, por vezes, torna-se difícil demarcar fronteiras. Assim, não se trata de negar o sentimento melancólico, mas de produzir dobras nele. Nesse sentido, cabe indagar - Como ter uma postura que não seja livre e ao mesmo tempo não cair em um futuro imaginado que revisita o passado imaginado sem perder a força de reação e ação? Como avistar a potência do ressentimento?

A partir da imagem “Salto ao vazio”, de Yves Klein, Safatle (2016) nos convoca a pensar sobre o desamparo como afeto que mobiliza a imaginação política. O homem de terno, como quem se veste para o trabalho ou para um evento, joga-se à rua em um gesto livre,

---

<sup>86</sup> BUTLER, J. 2017. A vida psíquica do poder. Teorias da sujeição. p.198

<sup>87</sup> *ibid.*, p.203

braços estendidos, olhar calmo, o que nos convoca a revisitar o sentido do vazio. Não há nada nesse lugar, ou há o que não podemos enxergar, o que nos foge a representação? Um campo de possíveis? O colapso do sistema de possíveis, que se baseia na repetição compulsiva de uma sensibilidade atrofiada, no qual os sujeitos se amparam para tornarem-se tais, é capaz de produzir uma outra experiência, de abertura ao impercebido, intempestivo, a “sensibilidade imaterial”, que seria capaz de desarticular essa gramática do campo de representações determinadas. Reportando-se a Freud, o desamparo é uma “dimensão essencial, própria ao funcionamento psíquico”<sup>88</sup>, assumindo um lugar constituinte.

Diferente do medo e da esperança, afetos que se colocam em uma relação pendular, “não há esperança sem medo, nem medo sem esperança<sup>89</sup>”, o desamparo não projeta um horizonte de expectativas, o que permite a projeção do acontecimento futuro, mas se expressa na indeterminação. Estar sem ajuda, sem recursos diante de um acontecimento que não é atualização dos meus possíveis pode sucumbir à paralisia, a desestabilização do sujeito e pode agir como um campo de invenção, na medida em que momentaneamente a capacidade de ação, representação e previsão estão suspensas. Para Freud, se admite-se a vulnerabilidade desse afeto, a sua afirmação é condição para emancipação social<sup>90</sup>. Essa é a articulação com a teoria freudiana que lhe interessa ao autor, o desamparo como possibilidade de emergência da política emancipatória, na função política da contingência, na medida em que “toda ação política é inicialmente uma ação de desabamento e só pessoas desamparadas são capazes de agir politicamente<sup>91</sup>”. O que seria assumir-se frágil nesse exercício?

O Esquecimento, não mais reverso da memória, mas como potência de vida, capacidade plástica de lidar com a memória se apresenta como uma saída ativa. A força plástica nietzschiana é capaz de digerir o passado e transformá-lo, ao invés de ser tomado por ele, agindo no presente.

Poder incorporar o passado (o conhecido) e o estranho ou o desconhecido, cicatrizar feridas, substituir o perdido, dar nova forma a formas destruídas é conservar a plasticidade em contraposição a doença histórica que provém da não digestão do

---

<sup>88</sup> SAFATLE, V. 2016. Circuito dos afetos. p.33

<sup>89</sup> *ibid.*, p.11

<sup>90</sup> *ibid.*, p.34

<sup>91</sup> *ibid.*, p.32

passado, que expressa o inconformismo com o devir, com o fato de nunca se repetirem na vida os mesmos acontecimentos<sup>92</sup>.

O esquecimento é poder desfazer-se da história do privilégio, como contar a história a contrapelo, a partir de uma certa dimensão temporal, produzindo deslocamento no antagonismo memória e esquecimento, provocando um novo enfoque para a função da história e do passado<sup>93</sup>. Ao fugir das formas diacrônicas do tempo e da dialética entre elas, que não dão conta da continuação temporal, e que fazem parte de um certo registro, de uma perspectiva histórica linear, retornamos ao tempo bergsoniano, a dinâmica entre o virtual e o atual, a memória mais profunda (memória de futuro). A perspectiva do esquecimento é a de uma memória imemorial capaz de produzir um estado a-histórico, sem cair no universalismo esvaziado, de transformação<sup>94</sup>.

A partir disso, ela se questiona sobre as memórias revisitadas neste processo ao longo da graduação, se não estaria evocando uma memória-essência fóssil<sup>95</sup>, como quem retorna a um arquivo a procura dos mesmos objetos, vividos outra ora, que ficaram para atrás, em outro tempo, conservados tais quais, como a tentativa de solidificar o vivido em tesouro guardado. Dessa busca foge, corre, tropeça e por vezes cai. Depois precisa levantar e olhar adiante, onde estava indo mesmo? Era para lá? É aqui? Ao deparar-se com as fotografias sua memória vai pelo tempo estacionando em algum lugar. Lhe interessa evocar uma memória-acontecimento<sup>96</sup> acerca das vivências, que muda a natureza do memorável ao invés de evocar o mesmo. Os registros já não são os mesmos. Trata-se de atuar no tempo presente, aspirado pelo futuro, que reinventa o passado. Segue o trajeto. Ouve o canto, ao fundo, de quem percorre esses lugares do passado e retorna para dizer ...

Uno se despide, insensiblemente  
de pequeñas cosas  
lo mismo que un árbol  
que en tiempo de otoño  
se queda sin hojas

---

<sup>92</sup> RAUTER, Cristina. 2012. Clínica do esquecimento. p.46

<sup>93</sup> *ibid.*, p. 7

<sup>94</sup> *ibid.*

<sup>95</sup> Referência à DELEUZE em GUIMARÃES, R. Desmemórias, arquivos e a construção do esquecimento. p.181

<sup>96</sup> *ibid.*, p. 181.

al fin la tristeza es la muerte lenta  
de las simples cosas  
esas cosas simples  
que quedan doliendo  
en el corazón  
Uno vuelve siempre  
a los viejos sitios  
donde amó la vida  
y entonces comprende  
cómo están de ausentes  
las cosas queridas  
por eso muchacha no partas ahora  
soñando el regreso  
que el amor es simple  
y a las cosas simples las devora el tiempo<sup>97</sup>

\*

Em 1830 os franceses, insurgentes atiraram pedras nos relógios da cidade no final do primeiro dia de levante. Em um gesto suspenderam o tempo, a narrativa histórica linear. A imagem insurge para desmontar a flecha, o ponteiro, esse objeto que vai de um ponto a outro, como o destino, em uma relação de causa-efeito. O desmonte dá lugar a outra montagem, esta composta por um emaranhado, uma rede-trama. O relógio em suspensão remete a imagem dialética, quando o Pretérito encontra o Agora em um relâmpago para formar uma constelação. Em outros termos, a imagem é a dialética<sup>98</sup> em suspensão, uma imagem fragmentada.

Em 2020 essa imagem se atualiza. O tempo em suspensão abre brechas para a jovem lembrar do espírito revolucionário que a acompanhou, produziu subjetividades e hoje se encontra amortecido. Sabe que não se trata da vontade de retorno a uma época que foi mais

---

<sup>97</sup> Simples coisas, Armando Tejada Gomes.

<sup>98</sup> BENJAMIN, W. (2009). Passagens. p.114, apud SASSI, K. 2019. Do paradoxo político às subjetividades contemporâneas: costuras psicanalíticas sobre o sequestro da palavra na mediação das diferenças. p.93

subversiva no seu modo de fazer política ou libertária em seus ideias, nem do elogio ingênuo, que foge de problematizações a respeito. É que, no tempo de suspensão dos relógios, as informações correm e trazem notícias tristes para o Brasil, que retrocede na sua jovem conquista como estado democrático com a derrocada das instituições, levada a cabo pelo atual governo. A democracia frágil que vigora neste país com o silenciamento e apagamento dos próprios traços autoritários remete a ausência de memória, não pela sua falta, mas pela manipulação e aniquilamento dos traços, que nos coloca diante da naturalização de milhares de vidas perdidas em uma pandemia.

A ansiedade é grande, planos adiados e uma certa perspectiva de não poder imaginar o futuro pela sua incerteza, abrem espaço para que o sintoma tome o corpo e precisa ser dissipado; como dissipar? Tornar essa empreitada menos solitária funciona como um encontro-convite dobradiço. Lembra que o incômodo frente ao sentimento melancólico que habita nessas lembranças fez questão na escrita deste trabalho a procura de sentido(s). Lê uma passagem que anima o seu corpo:

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar os acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempo, mesmo de superfície ou volume reduzidos.<sup>99</sup>

Diante de um acontecimento, de proporções globais, da ruptura, do estado instável que abre um novo campo de possíveis, o qual ainda é incerto, o encontro com essa passagem a convida a apostar nos acontecimentos mínimos, no ensaio-e-erro<sup>100</sup>. O exercício de resistência que nos interessa é o que Deleuze aponta sobre transformações, ações aparentemente pequenas, cujos efeitos potentes não temos controle. O que seria capaz de fazer dobrar nessa linha, nesse afeto melancólico, ao invés de reiterá-lo?

Foucault (1970), em Introdução a uma vida não fascista, elaborando sobre os microfascismos que habitam em nós, cita “Não imagine que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo que a coisa que se combata seja abominável”. Volta a esse texto com perplexidade diante do atual contexto, pois de certa forma algo se repete na sua diferença. Por quê a ideia da militância triste? A fácil captura da luta, pela direita, em 2013 e a sucessão dos acontecimentos em 68, nas suas dimensões macropolíticas, a levam a pensar sobre o espaço

---

<sup>99</sup> DELEUZE, 2006, p.218 apud SOUZA, A. 2018. Modulações militantes por uma vida não fascista. p.27

<sup>100</sup> SOUZA, A. 2018. Modulações militantes por uma vida não fascista. p.27

para a emergência da melancolia. A equação é complexa. Para além da capacidade de organização dos movimentos, o campo do imprevisível está sempre colocado. Como vimos, sempre há um terreno de negações. Talvez seja mais uma questão de não aceitação, negação da perda, derrocada da imagem da esquerda idealizada ou da ideia de utopia não realizada. O traço de melancolia e o lampejo de esperança andam juntos. A questão persiste por gerações, na sua extemporaneidade, o que lhe sinaliza que não está sozinha no que problematiza.

\*

*Senta-se ao seu lado com o álbum de fotografias em mãos. Nesse precioso caderno de capa dura, além de registros fotográficos haviam manchetes de jornal, notícias que lhe marcaram e imagens impressas da época. Entregá-lhe o objeto que apanhou da gaveta onde guarda seus tesouros: essas memórias que persistem por gerações. Os dedos, que carregam as marcas do tempo, viram às páginas com lentidão, paradoxalmente ao tempo acelerado do noticiário, que escutam no rádio. **Manifestantes na praça dos três poderes carregam faixas e inflam o coro contra o Supremo Tribunal Federal, contra o Congresso.** As fotografias, já amareladas, registram uma vida universitária-militante ao lado de suas companheiras(os) de luta, além da alegria nos rostos, da intensidade dos corpos, da agitação e euforia, do medo e decepção, da fumaça e vertigem, que consegue sentir daquela atmosfera. Na primeira imagem jornalística o cenário é uma assembleia e a legenda diz: “Primeira assembleia geral dos ocupantes”. Prevalece o clima de movimentação: pessoas em pé gesticulando, outras sentadas e pensativas, algumas de costas à câmera, poucas mulheres. Sobre o que se discutia? Haveriam operários além de estudantes?, junção característica daquele ano, a partir do instante que a classe operária se declara a favor do movimento. “Tomar os processos de produção dos locais de trabalho, da universidade”, ecoou em seu ouvido. Formavam um Comitê? Como seria o funcionamento da ocupação? A organização acerca da direção das marchas?. **De seus carros, clamam pelo fechamento da Instituição e por “intervenção militar com Bolsonaro”.** Carreatas tomam as ruas. Conta que faziam reforma universitária, espécie de frente de estudantes com a esquerda do corpo docente. Questionava-se os lugares instituídos. Queriam a mudança, a mudança estrutural. Queriam fazer democracia direta. Aconteciam pronunciamentos acerca da libertação dos manifestantes detidos, além de organizações virtuais que visavam arrecadar fundos para*

pagar a fiança de companheiros presos. Durante a ocupação da Sorbonne os panfletos eram publicados em ritmo rápido e amplamente divulgados. Através do sistema de som eram lidos e anunciadas novas ocupações de fábricas com mensagens como: “Todo poder aos conselhos de trabalhadores” e “Abaixo a sociedade espetacular-mercantil”<sup>101</sup>. Se, as séries de alto-falantes funcionavam para propagar as palavras de ordem - “quem tem o som tem o verbo, e a autoridade?”, em outro contexto via-se a contestação do uso desse instrumento como organizador do movimento. A ideia de autogestão, horizontalidade do poder, repercutia na grande imprensa como desordem: “Ninguém mais tem certeza de quem dirige o Comitê de Ocupação da Sorbonne [...]” (Le Monde, 18 de maio) e “Essa anarquia poética não dura. Um grupo intitulado “situacionistas enragés tomou o poder [...]” (Paris Match, 6 de julho)<sup>102</sup>. **Caminhando, com a filha ao lado, acena para os manifestantes. Um homem se aproxima com uma criança e pede, com sorriso no rosto, para registrar aquele momento. Muitas selfies. Uma câmera captura o momento do discurso. De pano de fundo, as bandeiras do Brasil e de Israel. O segurança negro que costumeiramente o acompanha, fazendo parte da estética do governo (o negro, a mulher - figuras de lutas minoritárias - aqui, com discursos reacionários) aparece atrás. Disse que o governo conta com o apoio das Forças Armadas para independência dos três poderes. Depois disse aos jornalistas que não disse. Disse que disse que não disse. Desdisse o que disse. Disse! Nós lembramos o que diz.** Em uma imagem avista muitos manifestantes no pátio da universidade. Não conseguia detectar uma mulher, apenas homens brancos vestindo trajes formais, para os dias de hoje, e folhas de papel ao vento. Imagina que fossem os tais dos panfletos. **Jornalistas e fotógrafos são agredidos pelos manifestantes. Nenhuma repressão policial.** No embalo das lembranças de uma época vivida conseguia se transportar no tempo diante daquelas imagens. Podia sentir o som dos alto-falantes anunciando palavras de ordem, o que diriam naquele momento? Nas passeatas via-se bandeiras vermelhas e negras. Erguiam barricadas com carros e com o que houvesse, cadeiras e outros objetos. O Quartier Latin virou uma cartografia de passagens obstruídas, onde aconteciam os combates. Evocavam: “Luta aberta contra a classe dominante como condição de emancipação. Negociação com os exploradores é uma ilusão”. Os acontecimentos eram atualizados muitas vezes ao longo do dia. **Memórias da opressão depositas. Estátuas ao chão.** Vira a página, estávamos em uma manifestação,

---

<sup>101</sup> CORRÊA, Erick, Org.; MHEREB, Maria Teresa, Org. 2018. 68: como incendiar um país. p.68

<sup>102</sup> ibid., p.69

aquela que foi possível acontecer depois de três dias de muita negociação. Haviam muitos estudantes, mas não só, também via-se a classe artística, além de intelectuais. Onde estariam os operários? Nelson Rodrigues, escreveu na época, com a ironia característica, que ali estavam médicos, romancistas, poetas, atores, atrizes, professores, sacerdotes, estudantes, arquitetos e engenheiros, mas nem um único preto ou operário<sup>103</sup>. **Estátua decapitada de Cristóvão Colombo em Boston.**“(…) aquele seria um dos poucos sonhos a serem ultrapassados pela realidade.<sup>104</sup>”, diziam acerca do número inesperado de manifestantes. Muitos discursaram. Um jovem ressalta que a violência é própria das autoridades para calar o povo, para oprimi-lo, e que, naquele momento, ninguém deveria usar a força contra a polícia. Eram a favor da violência quando, através de um processo longo, chegasse a hora de pegar as armas<sup>105</sup>. Claro que ao serem reprimidos a mensagem caia por terra, mas, de fato, naquele dia, não houve pancadaria. **Estátua de Voltaire atacada com tinta vermelha em Paris.** Outros lembravam: “Nunca nos esqueçamos de que a libertação nacional depende dos operários e dos camponeses<sup>106</sup>”. Também prestaram homenagem à Edson Luís. A Cinelândia estava completamente lotada. Cartazes com palavra de ordem identificavam os diferentes setores, que ali chegavam. O som estava baixo, o que dificultava ouvir os discursos. Murmuravam, com certo medo, acerca do aparecimento da polícia, “Será que vai aparecer mesmo?<sup>107</sup>”. Um policial disfarçado, p2, havia sido descoberto mais cedo. Colocaram ele para correr. Apanharam sua documentação e o empurraram para dentro de um táxi, antes que fosse linchado. Sonho ou realidade? **Milhões de pessoas tomaram as ruas pelo “black lives matter”.** O helicóptero, do governo do Estado, que sobrevoava o local atrapalhava ainda mais a audição. Ouviram-se vaias à ele. Papéis picados caíam das janelas dos edifícios, demonstrando o apoio à massa, ao que os estudantes respondiam, aos gritos: - “Desce, desce” - e - “Vem pra rua, vem, contra o aumento”-. Parecia uma festa. Já quando passavam pela classe popular que assistia das calçadas gritavam: - “Você, que é explorado, não fique aí parado<sup>108</sup>”-. Pedia-se ao ministro da educação a libertação dos presos e garantia de liberdade na universidade. Podia sentir a fumaça daquele ano, além dos ruídos

---

<sup>103</sup> ZUENIR, V. 2013. 1968: o ano que não terminou. p.150

<sup>104</sup> ibid., p.151

<sup>105</sup> ibid., p.151

<sup>106</sup> ibid., p.153

<sup>107</sup> ibid., p.153

<sup>108</sup> ibid., p.154

de bombas, dos cascos de cavalos e das sirenes<sup>109</sup>; ver todo o mundo e não ver ninguém, ao passo que cada um e cada uma desaparecia na multidão inumerável. Eram interpeladas pelos eventos que se atualizam, por objetos nas ruas e por notícias inesperadas. Não lembrava de suas falas, nem da dos outros pela atenção que a intensidade absorvia<sup>110</sup>. **No Brasil o movimento antifascista foi antiracista?** Formou-se um cordão que puxava o canto: “Quem não pula, quer aumento”. O aumento da passagem e a manutenção da condição precária do transporte público indignou as pessoas. A grande maioria via-se esmagada pela catraca, com tempo e espaço reduzido: horas gastas em locomoção enquanto seus corpos permanecem amontoados. Além da dificuldade de acesso à zonas periféricas. O movimento sucede a Revolta do Busu (2003), que sucede a Catraca (2005), que sucede o Vintém (1880)<sup>111</sup>. Ônibus e containers incendiados representavam o clima de tensão, rebeldia, delinquência. Naquela altura, frente a criminalização do movimento e o terror policial, alguns diziam: “Se protestar é vandalismo, então somos todos black bloc.” Um grande ato coletivo de recusa. O movimento começou a mudar. Uma briga entre os que vestem a camiseta do Brasil e os da organização do MPL acontece. Imagens capturam as narrativas conflitantes que se traduzem em sentimento de raiva, de revolta, de agressividade. Entre xingamentos e apontar o dedo na cara, outras pessoas aderem ao conflito enquanto a multidão segue a marcha, ou as marchas? Estariam caminhando para o mesmo lugar? Parece errante. A grande imprensa oscilava entre o elogio a onda verde amarela e a criminalização do “vandalismo”, da expressão popular. **Fogo na Amazônia. Fogo no Pantanal. Os bichos se revoltam. Os mortos nos acompanham.** Ansiava por ouvir mais histórias, que acabavam por se tornar fruto de sua imaginação. O tempo havia levado a voz de sua avó, restando poucos sons pronunciados, muitas vezes inteligíveis. Refletiu sobre como a vida pregava peças incompreensíveis. Logo ela, que teria tanto para lhe contar teve seu poder de verbalização obstaculizado. Talvez esse impasse a levou a aprimorar seus gestos. O rosto era muito expressivo e as mãos faziam aqueles movimentos próprios de quem gesticula, mas cada vez menos, com frequência opta por colocá-las sob o braço da poltrona. O cansaço toma conta do corpo. **Mais de 100 mil vidas perdidas. O brasileiro não pode enterrar seus mortos. Covas, corpos entulhados, contados. Um pai recoloca a cruz de seu**

---

<sup>109</sup> *ibid.*, p.155

<sup>110</sup> Referência à Confissões, Bakunin, em CORRÊA, Erick, Org.; MHEREB, Maria Teresa, Org. 2018. 68: como incendiar um país. p.83

<sup>111</sup> CAVA, B. 2013. A multidão foi ao deserto: as manifestações no Brasil em 2013 (jun-out). p.47

*filho, na praia de copacabana, que fora derrubada pela voz que proíbe o luto. “O que concede a uma vida ser passível de luto?”<sup>112</sup>”. Antes de acabar o álbum percebe que estranhamente, de efeito imediato, fica emudecida. As páginas chegavam ao fim e sentia-se esgotada no presente, como se houvesse vivido aquela intensidade em um estado inconsciente e de repente tivesse que acordar e abandonar o sonho. Ainda restava uma, ali estava: o cartaz da época que mais lhe entusiasma, a menina nas ruas que lança, com ímpeto de ação, contra as forças da ordem instituída, em um pulo, um livro, ou uma pedra? “La beauté est dans la rue”: fazia parte daquele imaginário, cartazes como armas para defender o novo mundo que se anuncia. Em silêncio, lê a legenda escrita pelas mãos de sua avó: “Seja jovem (não importa a sua idade) e nunca se cale!”<sup>113</sup>”*

\*

O encontro com a sua experiência, em 2013, resiste. No duplo sentido da palavra. Como ação (reação) nostálgica, que insiste em não deixar cair no esquecimento, apagamento, e como ação que forja esquecimento outro, o que visa uma transformação. Perguntando-se sobre como abordar o tema do niilismo, sem cair na subjetivação ou reificação, na própria produção do mesmo, assumindo uma postura esquivada, o autor responde “não há respostas, mas táticas locais<sup>114</sup>”. Algo como - forjar resistências locais -. Como todo terreno em crise, em esgotamento carrega a ambiguidade - entre a perspectiva de colapso e emergência, declínio e ascensão, fim e começo -. O corpo que não aguenta mais aposta em uma travessia.

Percebe que a questão da melancolia e do luto, relacionados a produção de subjetividade de um período, que lhe faz questão acerca do que perdura dessa experiência, toma uma nova existência diante dos acontecimentos em 2020. Em meio a um cenário de pavor apocalíptico, de vulnerabilidade, vivemos a experiência do luto coletivo. Butler, em entrevista, defende que o luto é um ato político em meio à pandemia. “Sem a capacidade de enlutar perdemos aquela noção mais afiada de vida que necessitamos para que possamos nos opor à violência”<sup>115</sup>. Os processos de desumanização em curso fazem de certas populações mais suscetíveis à violência arbitrária do que outras, tornando vidas precárias em vidas

---

<sup>112</sup> BUTLER, J. 2019. Vida precária: os poderes do luto e da violência. p.41

<sup>113</sup> CORRÊA, Erick, Org.; MHEREB, Maria Teresa, Org. 2018. 68: como incendiar um país. p.186

<sup>114</sup> PELBART, P. 2013. O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento. p.16

<sup>115</sup> BUTLER, J. 2019. Vida precária: os poderes do luto e da violência. p.17

dispensáveis. Como sinaliza a autora, a vulnerabilidade social de nossos corpos, em parte, nos constitui politicamente<sup>116</sup>.

A passagem pelo luto envolve uma transformação, de submeter-se à ela<sup>117</sup>. Diferente da melancolia, na qual o objeto da perda é desconhecido, o luto abarca saber o que foi perdido; uma experiência de difícil compreensão. Como somos constituídos/possuídos pelo outro e também despossuídos, no sentido que o olhar do outro nos convoca a colocar-nos em questão em relação às nossas certezas, modos de vida etc, a perda desse outro deixa uma marca enigmática. “O que perdemos em nós com a perda do outro?” Embora possa parecer, o luto não é uma experiência privada e despolitizante. Os laços relacionais que atravessam essa experiência permitem afirmar um “nós”<sup>118</sup>, o que não se refere à universalidade.

O processo de enlutar e transformar o luto em um recurso para a política funciona como mecanismo de não resignar-se à inação, capaz de entendê-lo como passível de desenvolver, ao longo desse processo lento, um ponto de identificação com o próprio sofrimento. Essa desorientação do luto situa o “eu” no modo do desconhecimento<sup>119</sup>. “Aprender a enlutar-se pelas mortes em massa significa marcar a perda de alguém cujo nome você não sabe, cuja língua você talvez não fale, que vive a uma distância intransponível de onde você mora”<sup>120</sup>, o que evidencia a dimensão coletiva, a interconexão, desse acontecimento. O sofrimento do outro não é o nosso, mas a perda que o estranho suporta nos atravessa, potencialmente conectando estranhos em luto. No contexto brasileiro, diante do aumento da popularidade, em meio a uma pandemia, do atual presidente, o cenário torna-se ainda mais sombrio. A necropolítica em marcha, arraigada em práticas reproduzidas ao longo da história deste país, que naturaliza certas mortes, nos convoca a pensar se de fato somos capazes de enlutar coletivamente.

Questiona-se sobre “Como afirmar o *amor fati* diante de tempos sombrios?”. Articular-se com a atual conjuntura demanda abandonar alguns sonhos (sonhos fechados) que vão negar coisas que estão acontecendo. Tal movimento diz sobre a queda, o colapso de sonhos antigos; sobre como ultrapassar, de certo modo, o amor, a libidinização ao imaginado, ao que se desejava que fosse, e amar o que foi, em seus erros, parcialidades. O único modo de

---

<sup>116</sup> *ibid.*, p. 40

<sup>117</sup> *ibid.*, p.41

<sup>118</sup> *ibid.*, p.43

<sup>119</sup> *ibid.*, p.51

<sup>120</sup> YANCY, George. 2020. Entrevista, Judith Butler: O luto é um ato político em meio à uma pandemia e suas disparidades. Carta Maior.

construir resistência neste contexto parece ser através de assumir uma visão sobre a factualidade dos acontecimentos.

Entre a melancolia e o *amor fati*, segue a procura por linhas de fuga, pelo que resiste em ou à 2020. Talvez, melhor do que retrair aqui o já trabalhado, caiba atentar-se para não perder de vista o presente momento. Encontra um pequeno gesto em um mar de resistências (diante do retrocesso tornou-se fácil resistir?), que pode ser este? o de escrever?, indaga ao caro (a) leitor (a). Ao voltar para essas passagens do passado próximo e distante viu sonhos; viu a sua experiência, da qual emergiram inquietações que lhe fizeram questão; viu o que insistiu em perdurar para a produção destas memórias. No curso desta escrita o vivido assume outros contornos. Trata-se de lembrar para escrever; escrever para elaborar; elaborar para esquecer, ou do processo de duração, variação e esquecimento. Foi preciso buscar palavras para dizer o que estava e ainda se encontra fora do traço. Recorrer às palavras, às quais são, em última instância, incapazes de dizer o que está em causa. Até as palavras resistem ao dizível, à captura, ao fim.

O ato de escrever o final de um trabalho vai ao encontro com os acontecimentos que visitamos? Com esses processos que não findam? Blanchot (2013) ao final de um texto, o que serviu de inspiração para Deleuze e Guattari, questiona-se “Será que maio de 68 ocorrera?<sup>121</sup>”. Do mesmo modo, ela reproduz “Será que junho de 2013 ocorreu?”. Frente a dúvida se aconteceu, resta a certeza que persiste. Entende que o caráter intenso dos acontecimentos explorados ao longo desta escrita parece não findar um período, tal qual o ato de escrever, o que equivale a lógica do acontecimento, do “acontecimento puro”, que pressupõe o devir, que não diz do encadeamento dos fatos, mas sim do que não tem começo, nem fim

---

<sup>121</sup> BLANCHOT. Texto em “A Comunidade inconfessável”, 1983, apud SOUZA, A. 2018. Modulações militantes por uma vida não fascista. p.303.

## Referências

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito da história, 1940. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. Sobre Alguns Temas em Baudelaire, 1939. Obras escolhidas III. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

BUTLER, Judith. A vida psíquica do poder: teorias da sujeição. Belo Horizonte: Editora autêntica, 2017.

\_\_\_\_\_. Vida precária: os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Editora autêntica, 2019.

Carta Maior. YANCY, George. Entrevista, Judith Butler: O luto é um ato político em meio à uma pandemia e suas disparidades. 2020, maio.

<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Pelo-Mundo/Judith-Butler-O-luto-e-um-ato-politico-o-em-meio-a-pandemia-e-suas-disparidades/6/47390>

CAVA, Bruno. A multidão foi ao deserto: as manifestações no Brasil em 2013 (jun-out). São Paulo: Annablume, 2013.

CORRÊA, Erick, Org.; MHEREB, Maria Teresa, Org. 68: como incendiar um país. São Paulo: Veneta, 2018. (Coleção Baderna)

COSTA, Luis Artur; DANICHI, Hausen. Colapso clínico-político do comum na contemporaneidade. Curitiba: CRV, 2018.

DA COSTA, Luciano. O ritornelo em Deleuze-Guattari e as três éticas possíveis. Porto Alegre: Trabalho apresentado no II Seminário Nacional de Filosofia e Educação, Santa Maria, RS, 2006.

EL país. Coluna. SAFATLE, Vladimir. Identitarismo branco. 2020, 4 de setembro.

Folha de São Paulo. Popularidade de Dilma cai 27 pontos após protestos. 2013, 29 de junho.

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1303541-popularidade-de-dilma-cai-27-pontos-apos-protestos.shtml>

FOUCAULT, Michel. A Hermenêutica do Sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. (1984) O que são as luzes? Em: Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

\_\_\_\_\_. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. Em: Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. Introdução à vida não fascista. Prefácio em Gilles Deleuze e Félix Guattari. Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia. New York, Viking Press, 1977, pp. XI-XIV. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento.

GAGNEBIN, J. Lembrar Escrever Esquecer. São Paulo: Editora 34, 2006.

GARCIA, Marília. Câmera Lenta: poemas. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GIACOIA JÚNIOR, Osvaldo. Nietzsche / Osvaldo Giacoia Júnior. São Paulo: Publifolha, 2000. (Folha explica)

GUIMARÃES, R. Desmemórias, arquivos e a construção do esquecimento. IPOTESI - Revista de estudos literários.

KASTRUP, V. Cartografias e devires. A construção do presente. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

LAPOUJADE, David. Potências do tempo. São Paulo: n-1 edições, 2017.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Medium. NETO, Moysés. 70%. E agora, o que fazer? 2020, 20 de maio.  
<https://medium.com/@moysespintoneto/70-e-agora-o-que-fazer-3620e0aadeb4>

NETO, Moysés. Juventude em chamas: pessimismo, organização e utopia. Porto Alegre: 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra. L&PM, 2015.

\_\_\_\_\_. Ecce Homo. Porto Alegre: L&PM, 2012.

OSÓRIO, Luiz Camillo. No intenso agora: entre o passado e o futuro. Rio de Janeiro: Viso · Cadernos de estética aplicada, 2018.

PELBART, Peter Pál. O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento. São Paulo: n-1 edições, 2013.

PETIT, Michèle. A arte de ler: ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2009.

RAUTER, Cristina. Clínica do esquecimento. Niterói: Editora da UFF, 2012.

ROCHA, Janaina. Cor'p'oema Llansol. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

SAFATLE, Vladimir. Quando as Ruas Queimam: manifesto pela emergência. São Paulo: n-1 edições, 2016. Série Pandemia

\_\_\_\_\_. O circuito dos afetos: corpos políticos, o desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: autêntica, 2015.

SALLES, João. No intenso agora [DVD]. Brasil: VideoFilmes: 2017.

SASSI, Karina. Do paradoxo político às subjetividades contemporâneas: costuras psicanalíticas sobre o sequestro da palavra na mediação das diferenças. Porto Alegre: 2019.

SASSO, G; BERNARDO.G. Junho antes de junho: o ciclo de lutas de 2013, onde tudo começou. Porto Alegre: 2016.

SOUZA, Alice De Marchi. Modulações militantes por uma vida não fascista. Porto Alegre: Criação Humana, 2018.

VENTURA, Zuenir. 1968: o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

WEINMANN, Amadeu. Jornadas de junho: decifra-me ou te devoro. Jornal Ggn. 2018.

<https://jornalggn.com.br/artigos/jornadas-de-junho-decifra-me-ou-te-devoro-por-amadeu-de-o-liveira-weinmann/>